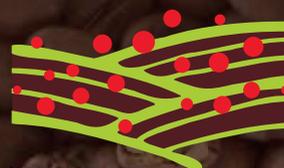




Confederação
da Agricultura
e Pecuária do Brasil



CAFÉ POINT

Análise dos Resultados da Pesquisa CaféPoint Colheita Cafeeira 2016

Índice

Efeito do clima na produção	3
1. Introdução	3
2. Objetivo	3
3. Metodologia	3
4. Resultados	3
5. Minas Gerais.....	4
6. Espírito Santo	15
7. São Paulo	20
8. Bahia	24
9. Considerações Finais	28
10. Referências Bibliográficas	29

Efeito do clima na produção

1. Introdução

A cafeicultura nacional passou por problemas intensos de seca e déficit hídrico durante as safras de 2014 e 2015, o que comprometeu drasticamente a produção de café do país. Com isso, grande expectativa foi criada em relação à produção da safra de 2016 que apresentou com volume de chuvas dentro do esperado em grande parte das regiões produtoras de *coffea arabica sp*. Fato que vem se confirmando nas estimativas de safra realizadas pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). No entanto, as regiões produtoras de café *coffea canephora sp.* nos estados da Bahia e do Espírito Santo continuam a sofrer com os problemas de seca e queda na produção.

Além dos problemas decorrentes da pluviosidade abaixo do esperado, algumas regiões produtoras do Sul de Minas Gerais e de São Paulo enfrentaram dificuldades devido a ocorrência de geadas e de chuvas durante o período da colheita, o que ocasionou derrubada dos frutos maduros, bem como impediu a secagem dos grãos colhidos, acarretando em redução significativa na qualidade dos cafés.

2. Objetivo

Considerando-se todos os obstáculos enfrentados pela a safra cafeeira em 2016, a pesquisa, realizada numa parceria da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) com o portal CaféPoint, teve o objetivo básico de verificar junto aos produtores os resultados da safra atual e os impactos provocados pelas variáveis climáticas. A pesquisa visou também levantar informações sobre as características de produção no que se refere à colheita e pós-colheita, a variação da produção desta safra, em relação à safra anterior, bem como mensurar a produtividade esperada.

3. Metodologia

A pesquisa foi realizada utilizando o modelo de questionário do *GoogleForms*, com 17 perguntas e permaneceu on line de 04 de julho à 11 de setembro de 2016.

Os dados foram analisados por estado e regiões produtoras e separados também em *coffea arabica sp.* e *coffea canephora sp.* no caso dos estados que produzem e apresentaram volumes significativos de respostas de ambas as espécies.

As respostas foram analisadas utilizando-se de estatística descritiva e os resultados foram expostos em gráficos, para cada região produtora do país, levando-se em consideração às especificidades de cada uma delas e as diferentes intempéries climáticas que afetaram a última safra de café no país.

4. Resultados

A pesquisa obteve o total de 505 respostas, com informantes de oito diferentes estados e 204 municípios. A distribuição das respostas e dos municípios por estado pode ser verificados nas Figuras 1 e 2 abaixo.

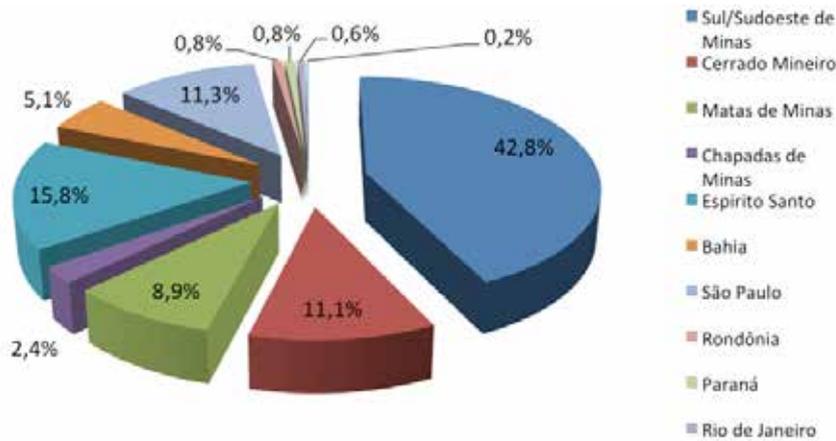


Figura 1. Distribuição das respostas por região e estados produtores.

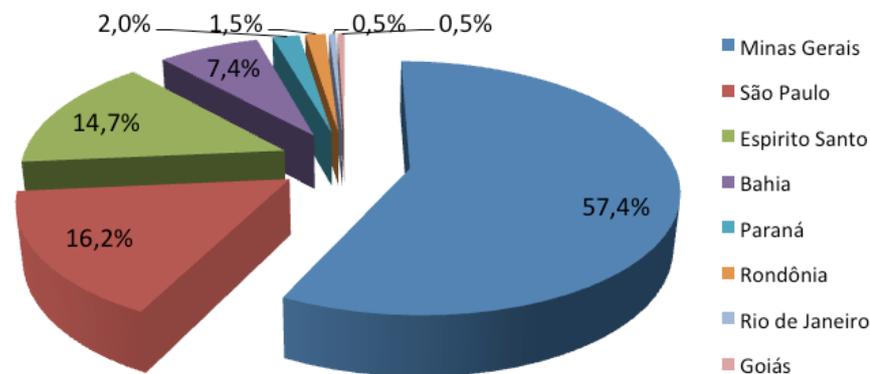


Figura 2. Distribuição dos municípios que obtiveram respostas, separadas por estado.

5. Minas Gerais

O estado de Minas Gerais, o maior produtor de café do país, também foi o que mais contribuiu com as respostas: 65% foram oriundas deste estado. Verificou-se que em 117 municípios deste estado, foram representados na pesquisa, e os resultados de todas as regiões produtoras do estado poderão ser verificados nos tópicos abaixo:

5.1 Sul de Minas Gerais

A região do Sul de Minas Gerais, que produz café da espécie *coffea arabica sp.* é a que apresenta o maior volume produzido, contribuiu com 65% das respostas do estado. Com base nas respostas foi identificado que as áreas em produção com café nas propriedades do Sul de Minas variaram de 1 a 1.387 hectares com tamanho médio de 72 hectares.

Devido às características da região, a colheita é predominantemente manual, conforme 50% das respostas que indicaram realizar a derriça manual ou por meio de derriçadeira. Mas 32% fazem a colheita exclusivamente mecanizada; 17% realizam a colheita tanto manual quanto mecanizada; e apenas 1% disse realizar a colheita seletiva (Figura 3).

O fato de 32% dos informantes realizar a colheita exclusivamente mecanizada foi uma surpresa devido às características de relevo da região, que impede a mecanização. Nesse contexto, existe a hipótese deste número estar relacionado à interpretação equivocada do termo “mecanizada”. Os mesmos podem ter considerado como mecanizadas as operações feitas com derriçadeiras, apesar de esta opção estar discriminada entre as opções de respostas.

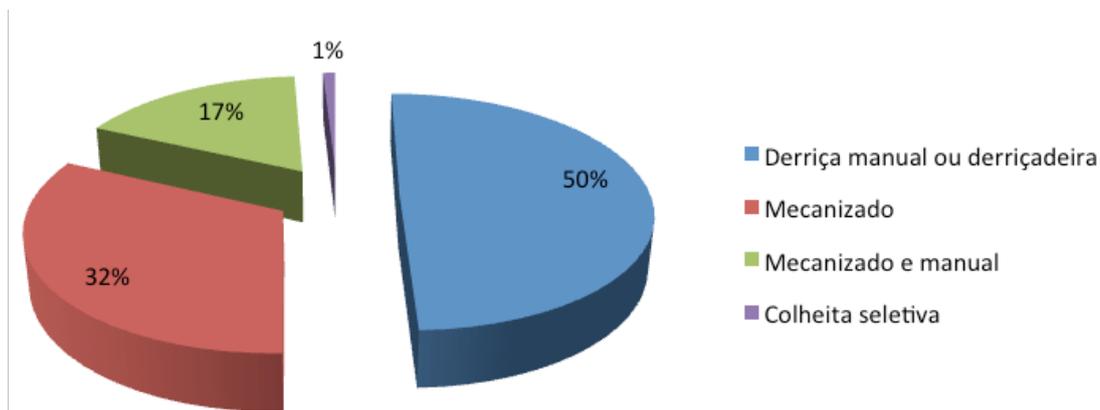


Figura 3. Métodos de colheita praticados na região sul/sudoeste do estado de Minas Gerais.

Quanto à pós-colheita verificou-se que 69% dos informantes disseram processar o café natural, 12% fazem café cereja descascado e 19% processam café via natural e cereja descascado (Figura 4). No que se refere aos equipamentos e benfeitorias utilizados na secagem durante a pós-colheita do café, 54% dos entrevistados disseram secar utilizando de secadores e terreiros, 36% apenas terreiros, 4% secador apenas e 6% disseram realizar a secagem fazendo uso de terreiros, secador e estufas na propriedade (Figura 5).

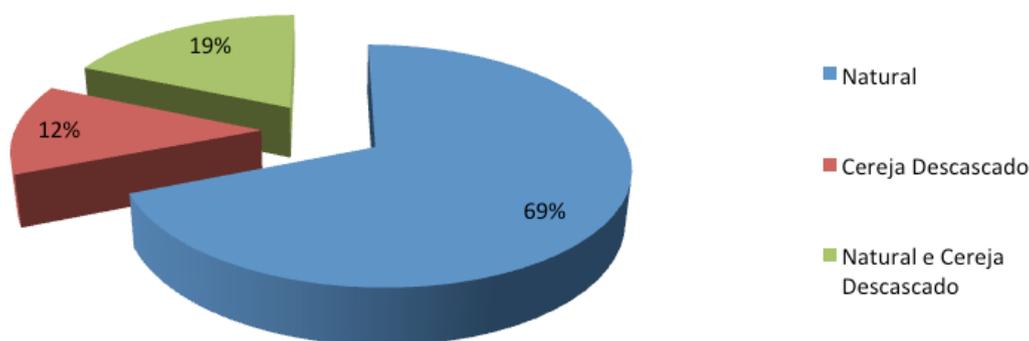


Figura 4. Métodos de processamento e beneficiamento do café, na pós-colheita, praticados na região sul do estado de Minas Gerais.

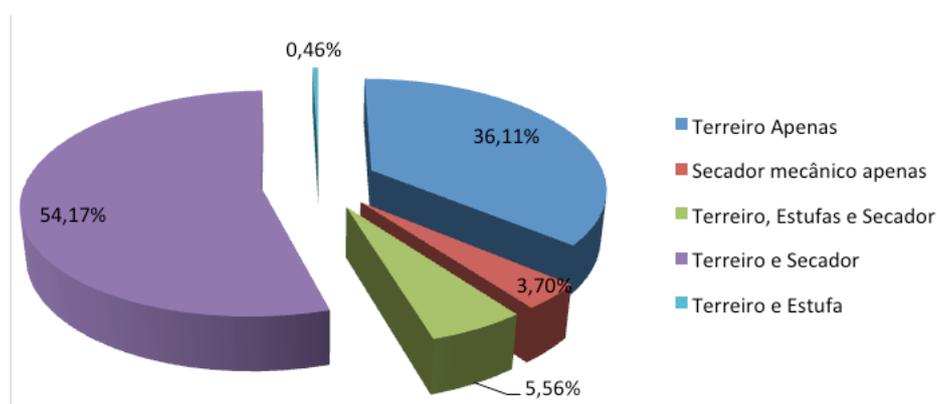


Figura 5. Equipamentos e benfeitorias utilizadas no processo de secagem do café na região Sul de Minas Gerais.

A produção de 2016 começou com boas expectativas, para as lavouras cafeeiras da região, com estimativas de produção de aproximadamente 15 milhões de sacas com base nas informações da CONAB. Porém, a ocorrência de chuvas no final de maio e início de junho resultou em problema para a região.

As boas condições climáticas durante a safra foram expressas também nas respostas dos entrevistados. Foi verificado que 60% dos entrevistados disseram esperar algum aumento na produção em relação à safra anterior, 13% disseram verificar uma produção similar e 27% disseram verificar queda na produção. Os diferentes níveis de aumento ou redução na produção podem ser verificados abaixo, na Figura 6:

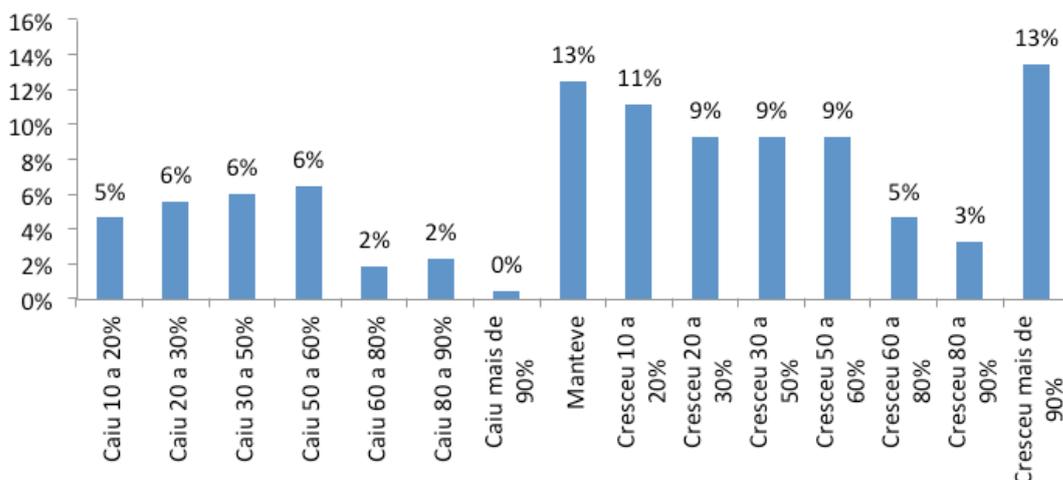


Figura 6. Variação na produção em relação a safra anterior expressa em porcentagem do total dos informantes.

Quanto à produtividade, 54% dos informantes esperam produtividade entre 20 e 40 sacas/hectare, 15% esperam produtividade inferior a 20 sacas/hectare, 23% esperam produtividade entre 40 e 60 sacas/hectare e 8% esperam produtividade superior a 60 sacas/hectare.

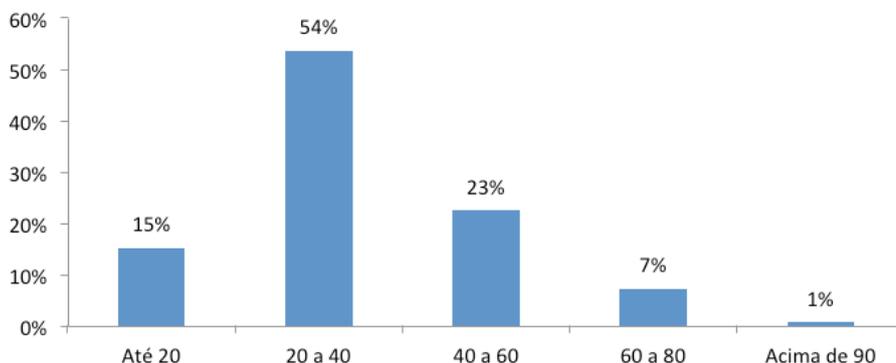


Figura 7. Produtividade (sacas/hectare) esperada pelos produtores de café da região do Sul de Minas Gerais.

No que se refere às chuvas no período da colheita, observa-se na Figura 8, um volume de 50 mm acima da média da região para o mês de junho. As chuvas impactaram diretamente no momento da colheita. Do total dos informantes, 98% disseram que a produção recebeu chuva no período da colheita, 65% disseram ter recebido chuva ainda na lavoura e os restantes 33% disseram ter recebido chuva já no terreiro (Figura 9).

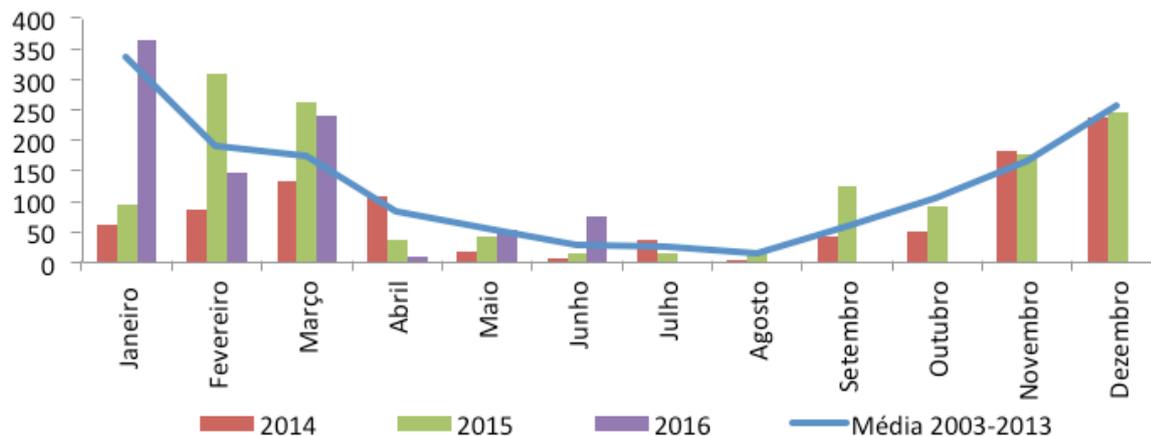


Figura 8. Pluviosidade mensal acumulada (mm) na região de Machado no Sul de Minas Gerais. Fonte INMET.

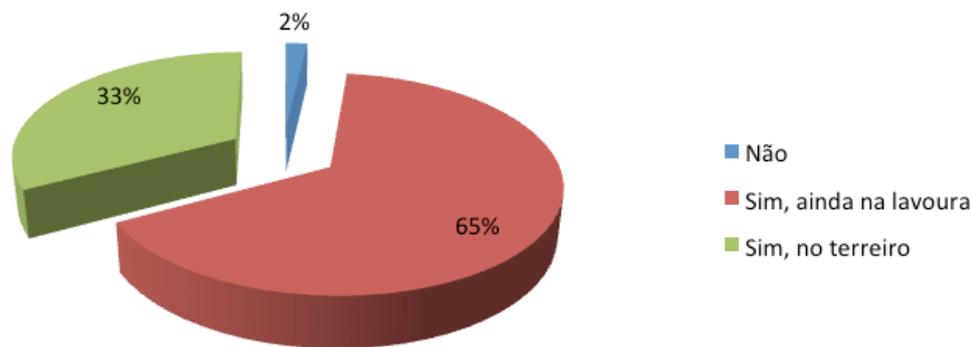


Figura 9. Ocorrência de chuvas durante o período da colheita.

Como consequência das chuvas, a região do Sul de Minas se destacou no volume de café que foi recolhido no chão durante a colheita, ao passo que 48% dos informantes disseram ter recolhido de 16 a 30% da produção no chão, 30% recolheram de 31 a 45% do volume, 18% recolheram até 15% do volume e 5% dos informantes disseram ter recolhido acima de 46% da produção no chão (Figura 10).

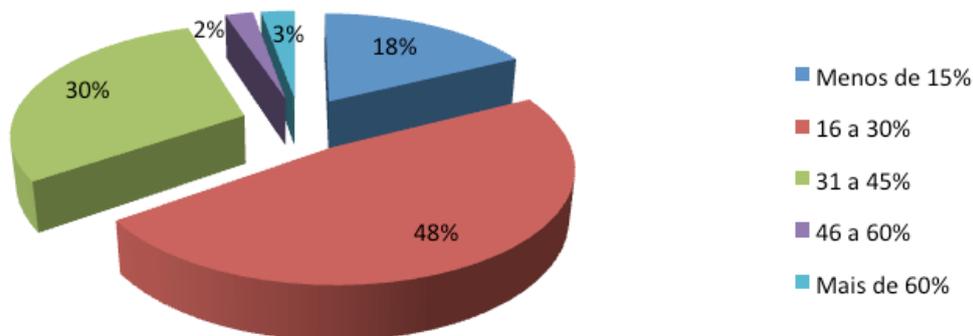


Figura 10. Volume de café recolhido no chão segundo os informantes da pesquisa expressa em porcentagem do total dos informantes.

Esses eventos, além de dificultarem as operações de colheita, transporte, secagem e preparo do café no terreiro, promovem alteração no processo de maturação. Os frutos saem da fase verde ou verde-cana direto para a fase de passa, além da formação de mofo nos frutos que permanecem na planta, juntamente, com a alta porcentagem de frutos no chão, alterando drasticamente o tipo e a qualidade da bebida.

Estes problemas na qualidade podem ter sido complicadores durante a comercialização do produto, ao passo que 49% dos informantes da região disseram ter feito venda futura da produção, firmando contratos para entrega de bebidas de alta qualidade (Figura 11).

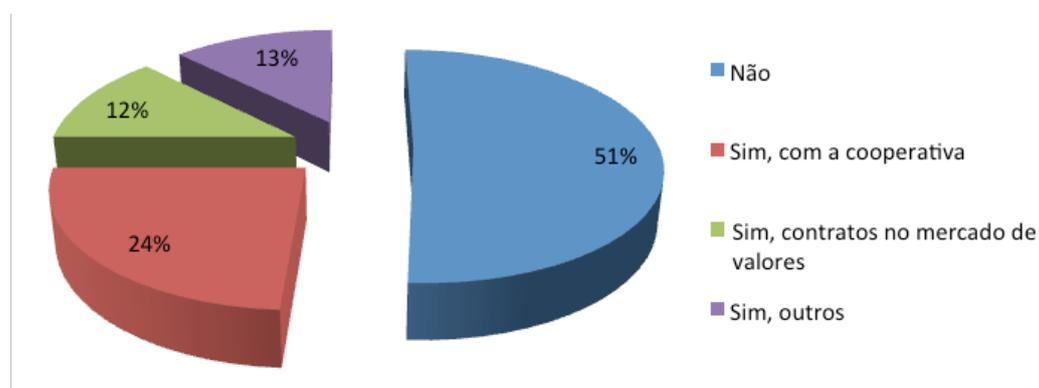


Figura 11. Realização de venda futura de café pelos produtores da região Sul de Minas Gerais.

5.2 Cerrado Mineiro

A região do Cerrado Mineiro, que é a segunda maior produtora do estado, foi responsável também pelo segundo maior número de respostas durante a pesquisa, com 11,1% do total. Essa região produz exclusivamente a espécie *coffea arabica sp.*, as áreas em produção variaram de 1,5 a 2.800 hectares, com tamanho médio de 220 hectares, três vezes superior a área média em produção no Sul de Minas Gerais.

A colheita na região é, predominantemente, mecanizada o que correspondeu por 91% das respostas, 80% dos informantes disseram realizar a atividade de colheita apenas com maquinários e 11% disseram utilizar a colheita manual combinada com a mecanizada, e apenas 9% dos informantes realizam a colheita na região por métodos manuais, exclusivamente (Figura 12).

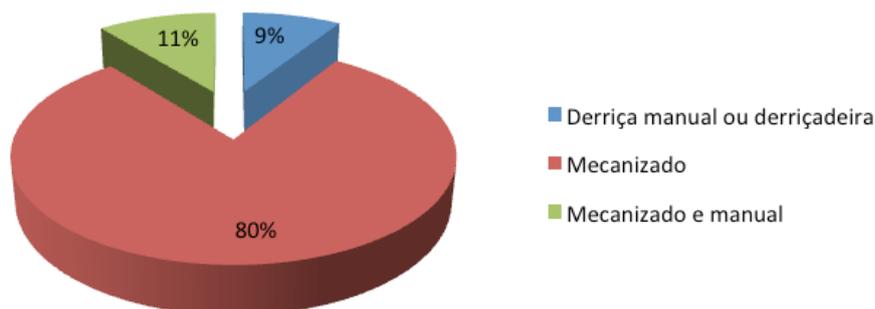


Figura 12. Métodos de colheita de café praticados na região do Cerrado Mineiro.

Quanto ao processamento da pós-colheita, 69% das pessoas disseram realizar o processo para obtenção de café natural, 11% dos informantes destacaram realizar apenas cereja descascado e 20% informaram realizar cereja descascado e natural. A secagem dos grãos foi, predominantemente, realizada apenas no terreiro (59%), mas 29% disseram utilizar, além de terreiros, secador mecânico e 7% disseram utilizar na secagem do café estufas, além de terreiro e secador.

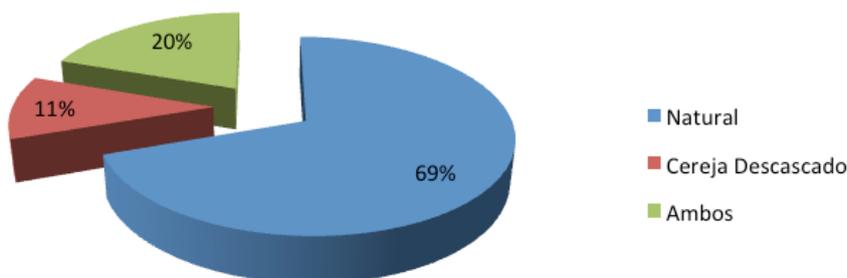


Figura 13. Pós-colheita do café praticada na região do Cerrado Mineiro durante a safra 2016.

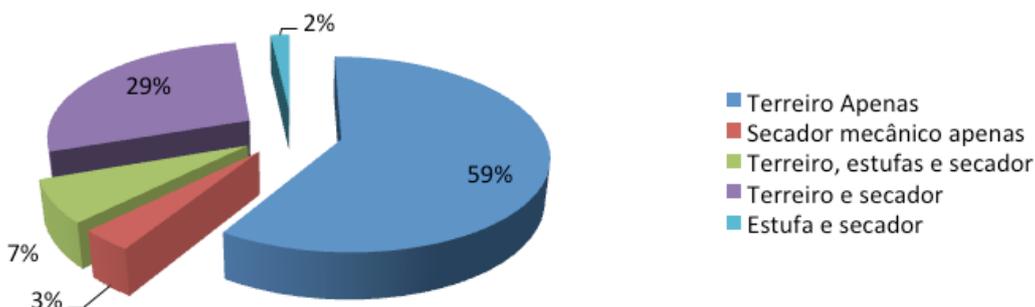


Figura 14. Equipamentos e benfeitorias utilizados no processo de pós-colheita do café na região do Cerrado Mineiro.

Apesar dos dados meteorológicos mostrarem volumes de pluviosidade mensais abaixo da média da região, na última safra (Figura 16), os informantes mostraram otimismo com o volume de chuvas durante o período de enchimento dos grãos. 64% disseram que o volume de chuva não foi abaixo da média durante o período de granação (Figura 15).

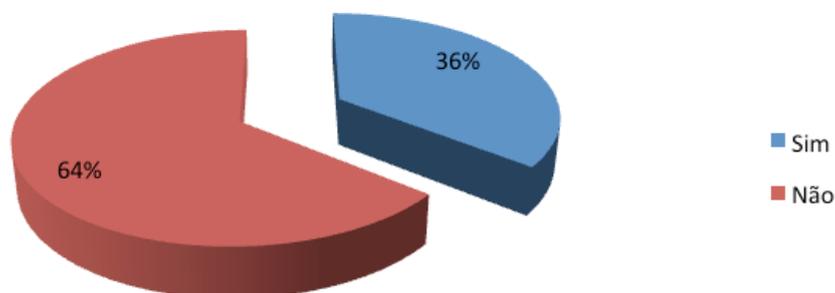


Figura 15. Respostas dos produtores ao serem questionados se o volume de chuva foi abaixo da média dos anos anteriores, durante o período de formação e enchimento dos grãos.

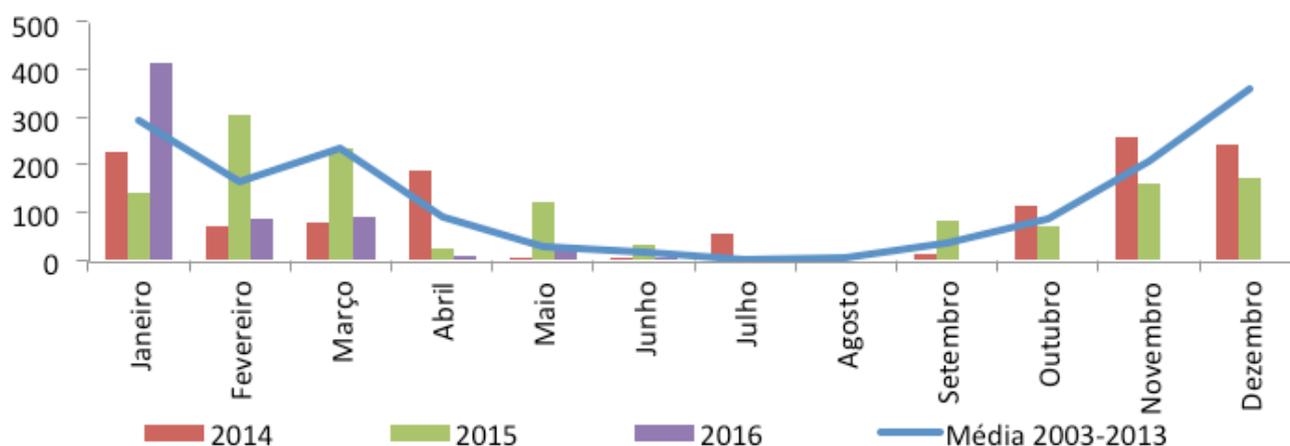


Figura 16. Pluviosidade (mm) mensal acumulada na região de Patos de Minas no Triângulo Mineiro. Fonte INMET.

As boas condições meteorológicas foram expressas nos dados de produção, com 18% dos informantes do cerrado mineiro destacando que a produção foi similar à do ano anterior, 73% dos informantes verificaram aumento, e apenas 9% verificou queda na produção (Figura 17).

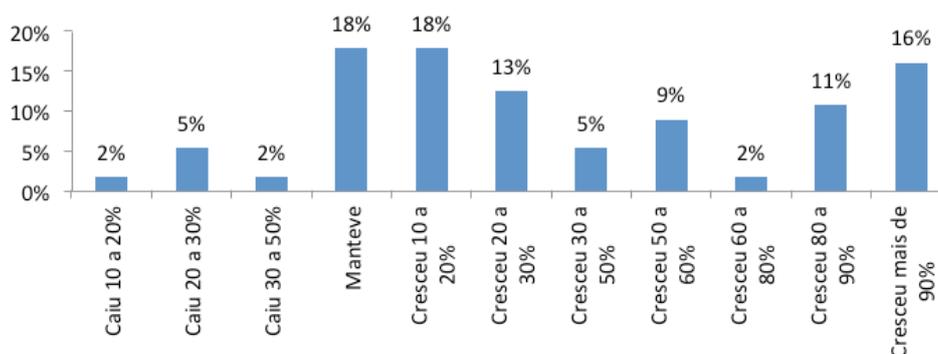


Figura 17. Variação da produção da safra 2016 em relação à safra anterior.

Com relação à produtividade, verificou-se que 88% dos informantes obtiveram produtividade entre 20 e 60 sacas/hectare: 41% produtividade entre 20 e 40 sacas/hectare; outros 46% esperam produtividade entre 40 e 60 sacas/hectare (Figura 18). Do total de informantes, 57% estão satisfeitos com os níveis de produtividade obtidos durante a safra.

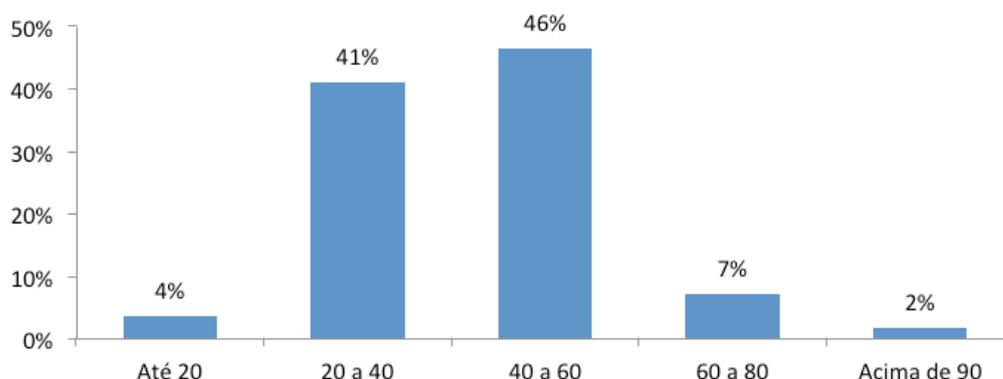


Figura 18. Expectativa de produtividade (sacas/hectare) dos produtores da região do Cerrado Mineiro, safra 2016.

O alto nível tecnológico e a característica empresarial dos produtores foram expressos também na comercialização do produto. Do total de informantes, 63% realizaram a venda no mercado futuro, sendo que 34% disseram realizar este tipo de venda com a cooperativa, 20% por meio de contratos no mercado de valores e os 9% restantes disseram fazer a operação de outras formas (Figura 19).

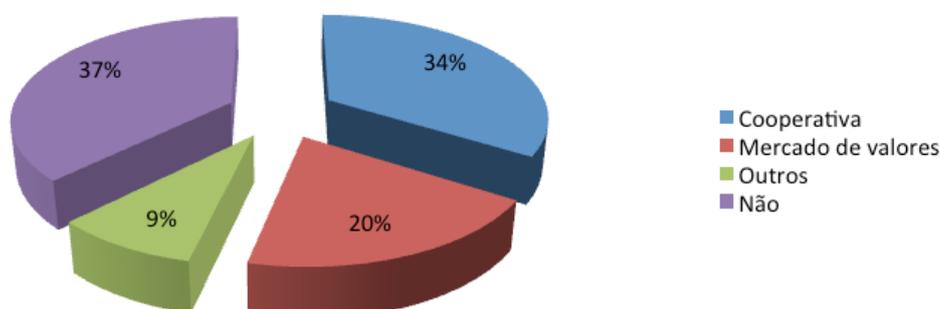


Figura 19. Realização ou não de venda futura e o tipo de contrato firmado.

5.3 Matas de Minas

A região das Matas de Minas, que é a terceira maior produtora, foi também a terceira em número de respostas, contribuindo com 14% das respostas do estado. Pelas características típicas da cafeicultura de montanha, a região apresentou uma área produtiva de café variando de 1 a 160 hectares, com tamanho médio de 29 hectares.

Em relação ao processo de colheita, foi verificada homogeneidade muito grande no resultado obtido, principalmente devido às características de relevo. A atividade é realizada manualmente em todas as propriedades que contribuíram com a pesquisa.

Quanto ao processo do café na pós-colheita, 49% das propriedades processa o café natural, 33% realizam a pós-colheita para obtenção de cereja descascada e 18% dos informantes disseram realizar ambos (Figura 20). Para a secagem do café, 40% dos produtores disseram fazer uso de terreiros e secador, 31% disseram utilizar apenas terreiros, 22% apenas secador, 5% disseram utilizar terreiros e estufas e outros 2% disseram utilizar terreiro, estufa e secador (Figura 21).

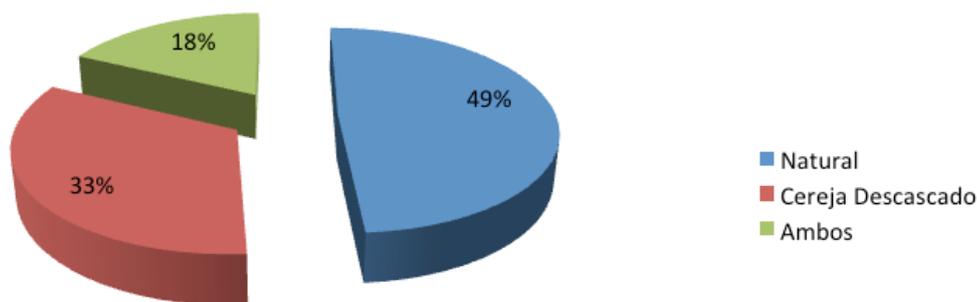


Figura 20. Pós-colheita da região das Matas de Minas Gerais, safra 2016.

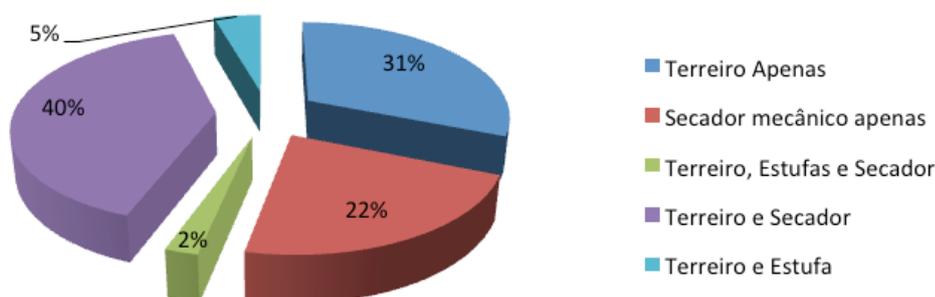


Figura 21. Equipamentos e benfeitorias utilizadas na secagem do café nas propriedades da região das Matas de Minas Gerais.

Os efeitos climáticos foram identificados também na região, porém em níveis mais amenos, estando os índices pluviométricos um pouco abaixo da média no período de enchimento dos grãos, e superior a média durante o período da colheita, como é possível de observar nos dados meteorológicos expostos abaixo na Figura 22.

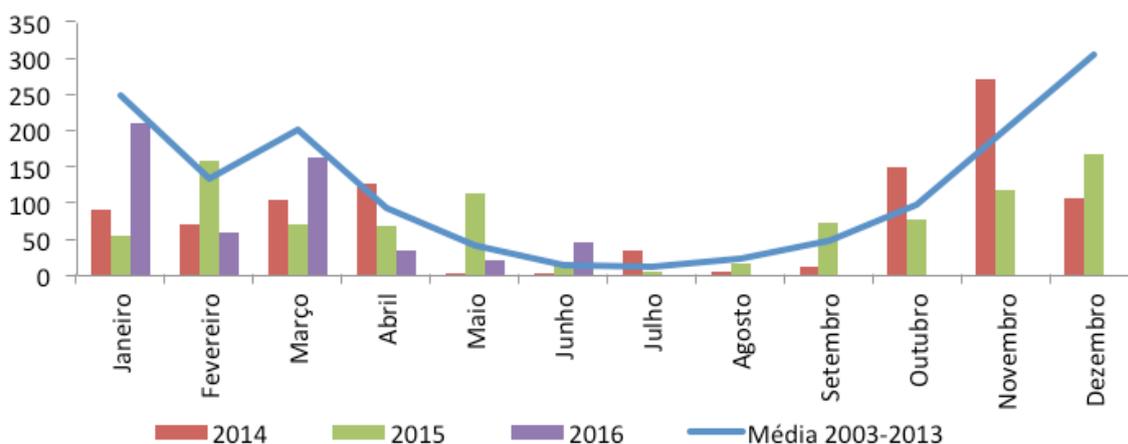


Figura 22. Pluviosidade (mm) mensal acumulada na região de Caparaó na Zona da Mata Mineira. Fonte INMET.

Ao serem questionados se os níveis de chuva foram abaixo da média, durante o período de enchimento dos grãos, 78% disseram que sim. Com relação às chuvas no período da colheita, 67% disseram que a produção recebeu chuva (Figuras 23 e 24).

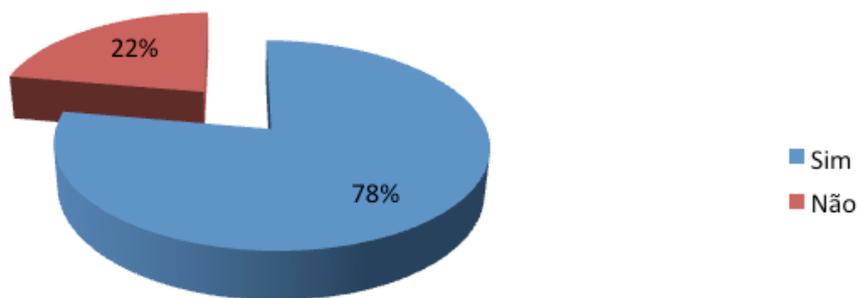


Figura 23. Respostas dos produtores ao serem questionados se o volume de chuvas foi abaixo da média dos anos anteriores, durante o período de formação e enchimento dos grãos na região das Matas de Minas Gerais, na safra 2016.

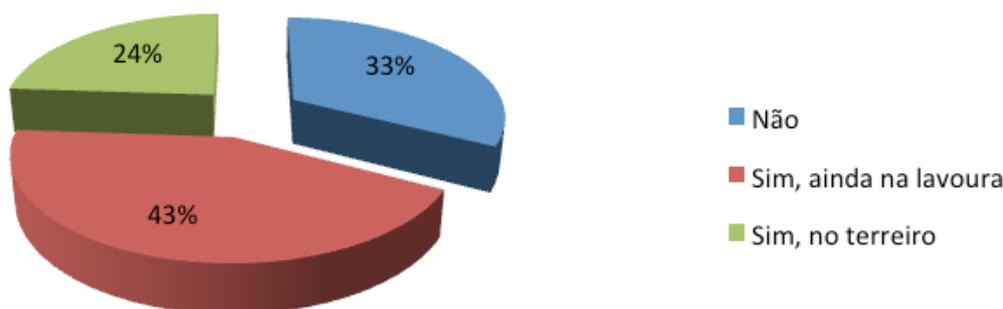


Figura 24. Recebimento de chuvas durante o período da colheita, na safra 2016, pelos cafeicultores da região das Matas de Minas.

A produção não sofreu tão intensamente os efeitos climáticos, verificando-se que 22% dos produtores indicaram ter produção semelhante à obtida na safra anterior e 47% disseram obter produção superior, sendo que 30% verificaram redução na produção (Figura 25).

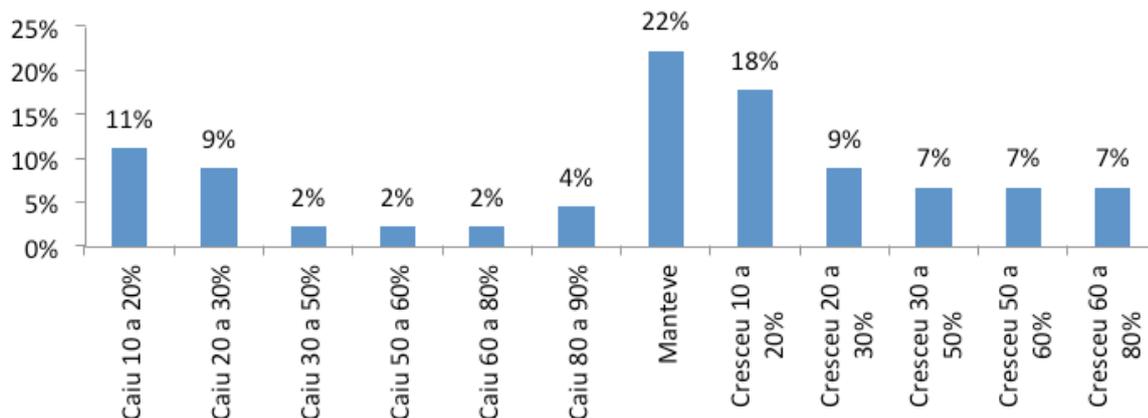


Figura 25. Variação na produção durante a safra 2016 em relação à safra anterior, segundo informação dos cafeicultores das Matas de Minas.

Ao questionar os entrevistados quanto aos dados sobre produtividade, foi verificado que 82% esperam produtividade inferior a 40 sacas/hectare, 58% esperam produtividade entre 20 e 40 sacas/hectare e 24% produtividade inferior a 20 sacas/hectare. Apenas 17% esperam uma produtividade superior a 40 sacas/hectare (Figura 26). Quanto à satisfação com a produtividade da safra 2016, 62% não estão satisfeitos com a produtividade obtida (Figura 27).

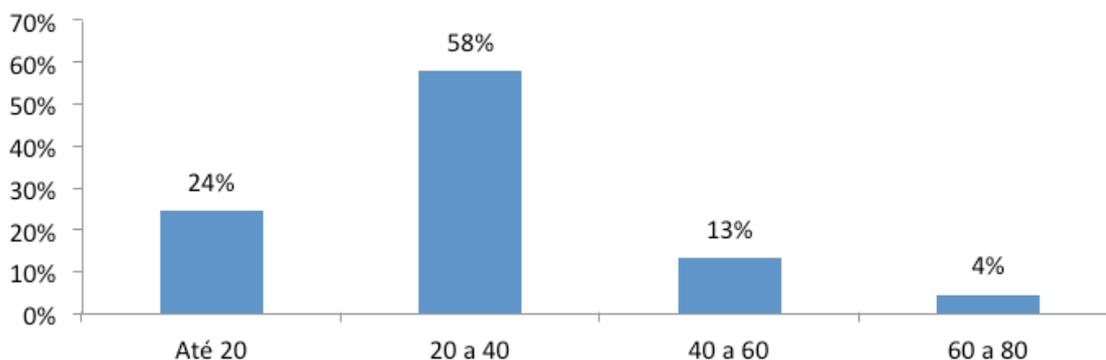


Figura 26. Produtividade (sacas/hectare) esperada na região das Matas de Minas Gerais.

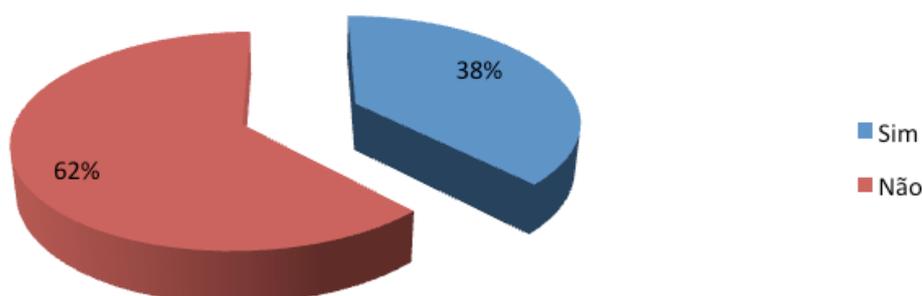


Figura 27. Satisfação dos produtores com a produtividade obtida durante a safra 2016.

No que se refere à comercialização por venda futura, 80% não realiza venda futura da produção, sendo que dos 20% que realizaram 9% o fez pelo mecanismo do contrato de opções no mercado de valores, 7% com a cooperativa e 4% disseram utilizar de outras formas de venda futura (Figura 28).

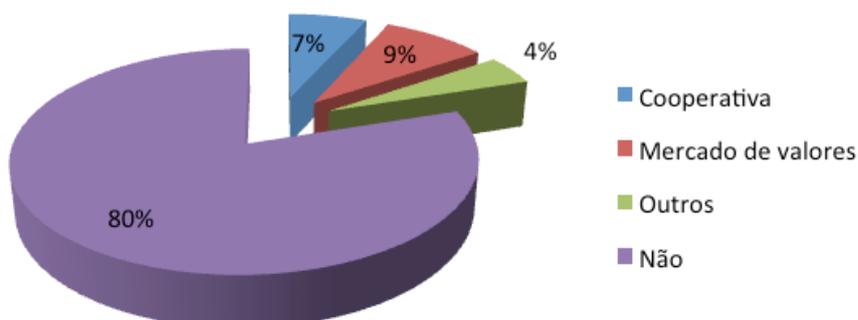


Figura 28. Realização ou não de venda futuro e forma de realização segundo os produtores da região das Matas de Minas Gerais (safra 2016).

5.4 Chapadas de Minas

A região das Chapadas de Minas é a menor produtora do estado e foi a que obteve o menor número de participantes durante a pesquisa também. Contribuindo com 3% das respostas e segundo os informantes, a área em produção das propriedades variou de 33 a 350 hectares com tamanho médio de 143 hectares.

O método de colheita predominante na região foi a mecanizada (50%), seguida da mecanizada combinada com a atividade manual (42%) e a colheita puramente manual praticada em apenas 8% das propriedades (Figura 29).

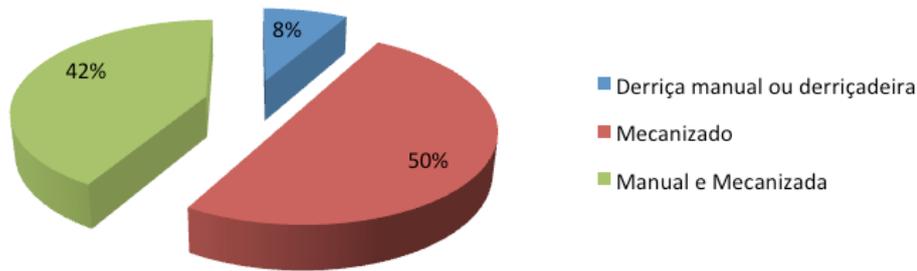


Figura 29. Métodos de colheita praticados na região das Chapadas de Minas Gerais, durante a safra 2016.

Ao analisar os dados de pós-colheita verifica-se que os processos de produção de café natural, cereja descascada e a realização de ambos dividiram, igualmente, a opinião dos informantes contribuindo com 33% cada um deles (Figura 30). No que se refere aos métodos de secagem do café, 58% disseram utilizar terreiros e secadores na propriedade, 34% disseram utilizar apenas terreiro e 8% disseram utilizar apenas secador (Figura 31).

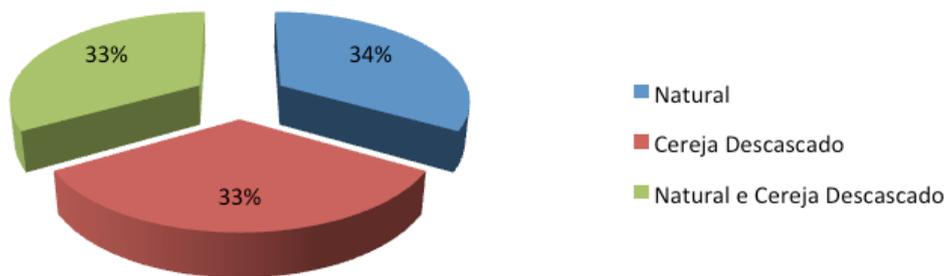


Figura 30. Pós-colheita na região das Chapadas de Minas Gerais, safra 2016.

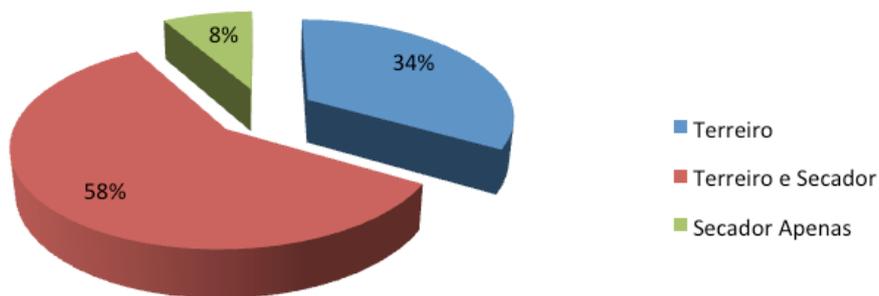


Figura 31. Equipamentos e benfeitorias utilizadas no processo de secagem do café na região das Chapadas de Minas Gerais.

Quanto ao clima, verifica-se que a região possui, naturalmente, uma baixa pluviosidade. Na última safra verificou-se que houve intensificação da seca na região, apresentando-se com níveis baixos de precipitação em todos os meses da safra, com exceção de janeiro, como exposto na Figura 31. Além disso, 100% dos informantes observaram níveis de chuva abaixo do esperado para a região.

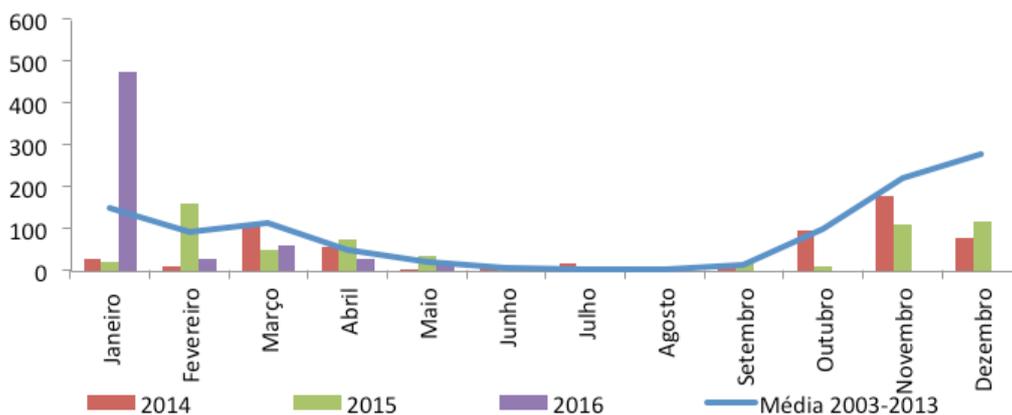


Figura 32. Pluviosidade (mm) mensal acumulada de Itamarandiba no Vale do Jequitinhonha e Mucuri em Minas Gerais. Fonte INMET.

Como os problemas com seca na região são recorrentes, 50% esperam produção similar à safra anterior na região, 17% indicam queda e 33% leve aumento (Figura 33). No entanto, 83% mostraram-se insatisfeitos com a produtividade obtida durante a última safra.

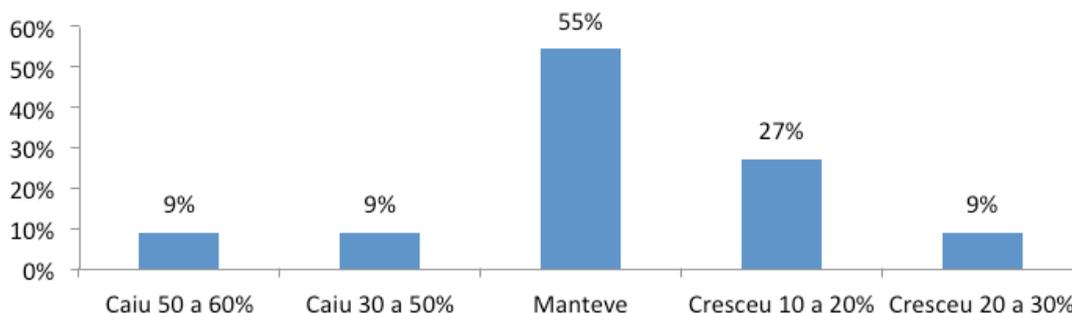


Figura 33. Variação na produção de café na região das chapadas de Minas Gerais, na safra 2016, em relação à safra anterior.

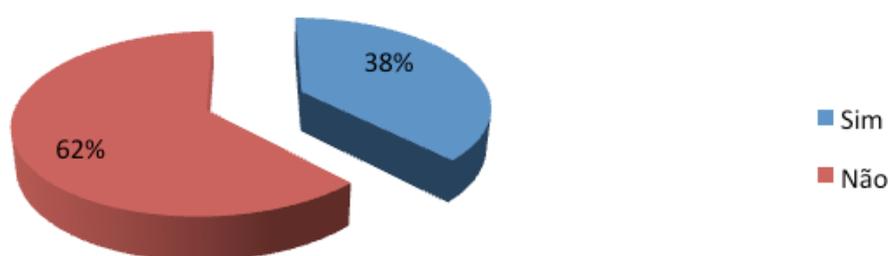


Figura 34. Satisfação dos contribuintes da pesquisa com a produtividade obtida durante a safra 2016.

6. Espírito Santo

O Espírito Santo é o segundo maior produtor de café do país com estimativa de produção de aproximadamente 9,5 milhões de sacas, com base na terceira estimativa da CONAB de 2016. O estado é produtor de café das espécies *c. arabica.sp* e *c. canephora.sp* na proporção de 37% e 63%, respectivamente, com base na mais recente previsão de safra da Conab. As respostas à pesquisa foram similares ao da produção do estado, que ficou em segundo lugar no número de respostas (15,8% do total), seguindo uma proporção de 30% de produtores de arábica e 70% de produtores de *coffea canephora.sp*.

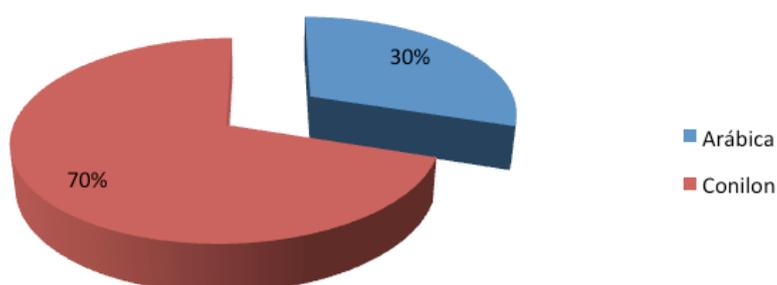


Figura 35. Distribuição das respostas dos produtores quanto à espécie de café cultivada em sua propriedade, no estado do Espírito Santo durante a safra 2016.

6.1 Arábica (*coffea arabica sp.*)

Segundo os informantes as áreas produtoras de arábica variaram de 3 a 120 hectares cultivados com café com um tamanho médio 27 hectares. No que se refere a realização da colheita, 100% foi feita por derriça manual ou derriçadeira.

Na pós-colheita, 46% é de cereja descascado, 33% fazem o processo para obter café natural e 21% dos informantes realizam ambos os processos (Figura 36).

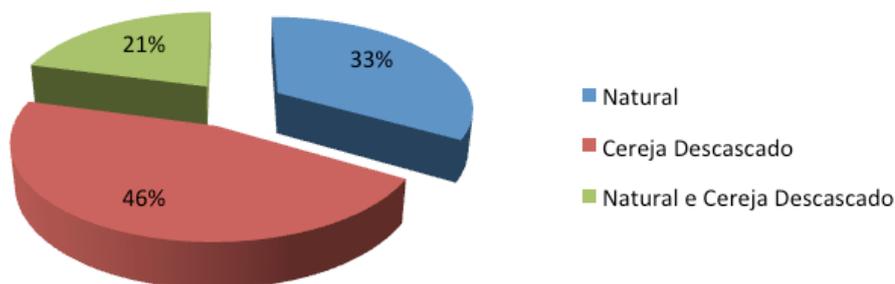


Figura 36. Pós-colheita nas propriedades que cultivam café arábico no estado do Espírito Santo, safra 2016.

Quanto aos equipamentos e benfeitorias utilizados no processo de secagem do café observou-se grande diversificação. Do total, 17% utilizou terreiro e secador, 17% usou terreiro apenas, 13% utilizou terreiro e estufa, 12% utilizou estufa apenas, 12% fizeram uso de secador apenas, 4% disseram ter utilizado estufas e secador e 25% utilizaram terreiro, secador e estufa na secagem (Figura 37).

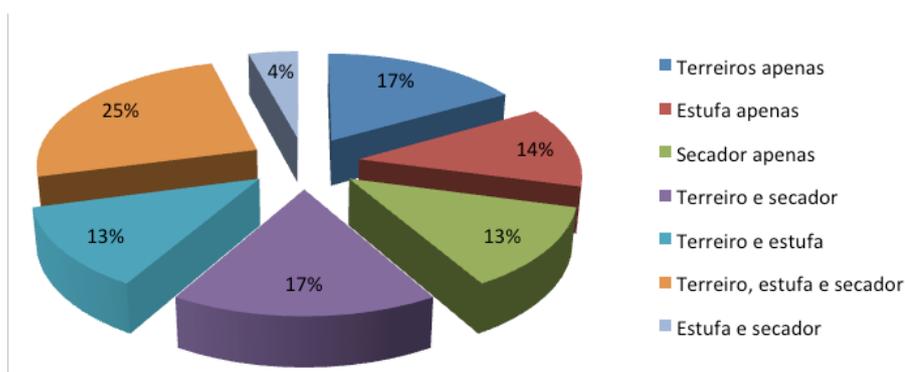


Figura 37. Equipamentos e benfeitorias utilizadas no processo de secagem do café nas propriedades produtoras da espécie *coffea arabica sp.* no estado do Espírito Santo.

Os efeitos do clima no estado do Espírito Santo foram verificados nas respostas dos informantes, sendo que 92% deles confirmaram níveis de pluviosidade inferiores ao esperado no período de enchimento dos grãos (Figura 38). No entanto, o efeito não foi muito intenso nos resultados de produção, pois 67% indicaram uma produção similar ou superior a da safra anterior (Figura 39).

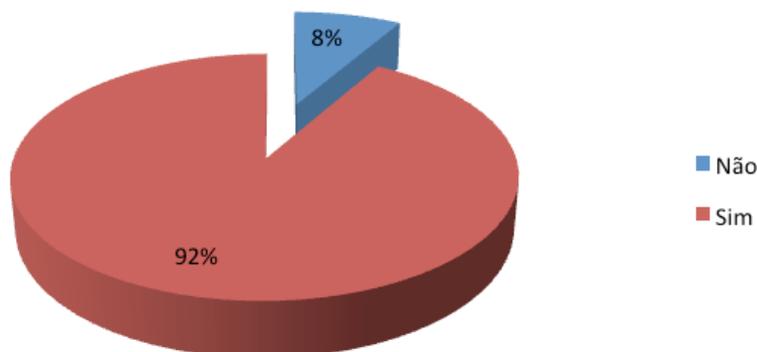


Figura 38. Respostas dos contribuintes da pesquisa ao serem questionados se o volume de chuva foi abaixo da média durante o período de granação, na safra 2016, das lavouras de *coffea arabica sp.*

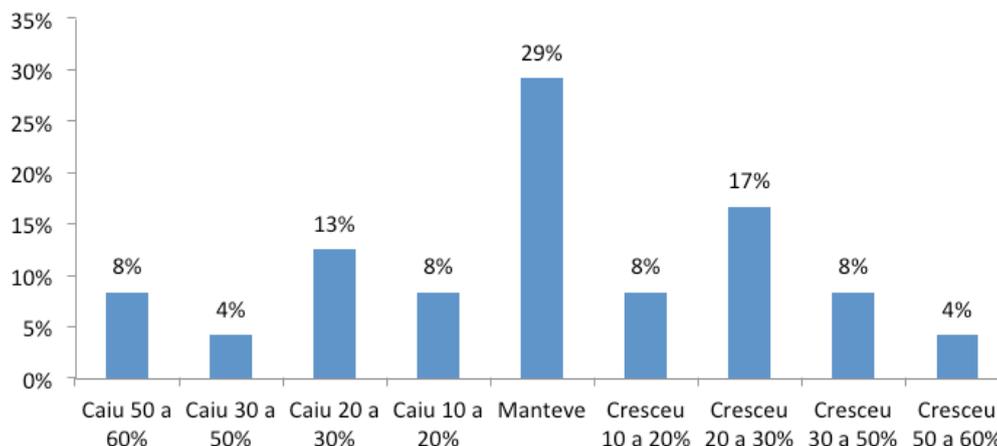


Figura 39. Variação na produção da safra de *coffea arabica sp.* de 2016, em relação a safra anterior, no estado do Espírito Santo.

Quanto à produtividade, 21% indicou produtividade inferior a 20 sacas/hectare, 54% esperam produtividade entre 20 e 40 sacas/hectare, 21% que a produtividade varie entre 40 e 60 sacas/hectare, mas apenas 4% esperam produtividade superior a 60 sacas/hectare (Figura 40).

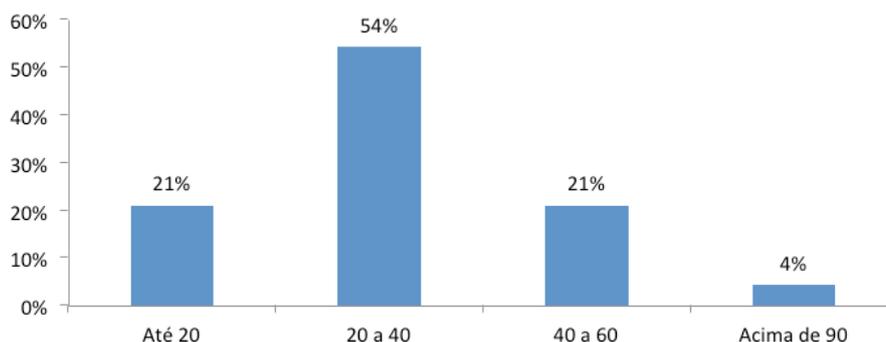


Figura 40. Produtividade (sacas/hectare) esperada, pelos produtores de *coffea arabica sp.*, no estado do Espírito Santo.

Quanto à satisfação com a produtividade, 71% dos cafeicultores estão insatisfeitos.

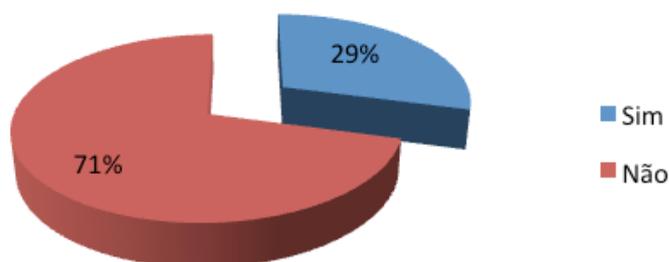


Figura 41. Satisfação dos produtores com a produtividade obtida durante a safra 2016.

6.2 Conilon (*Coffea canephora sp.*)

As propriedades produtoras de *c. canephora sp.* apresentaram área em produção variando de 0,7 a 150 hectares, com tamanho médio de 27 hectares, similar ao das propriedades de arábica.

No que se refere à colheita, 89% utilizam derrça manual ou derrçadeira, 4% realizaram a colheita mecanizada e outros 7% empregam ambos os métodos.

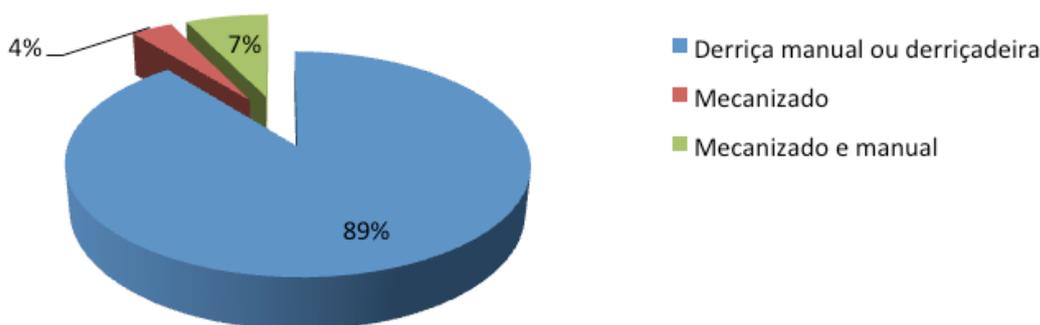


Figura 42. Métodos de colheita utilizados nas propriedades que cultivam *coffea canephora sp.* no estado do Espírito Santo.

Quanto à pós-colheita, 95% dos produtores processam via natural, 3% cereja descascada e 2% dos informantes disseram fazer uso de ambos os processos.

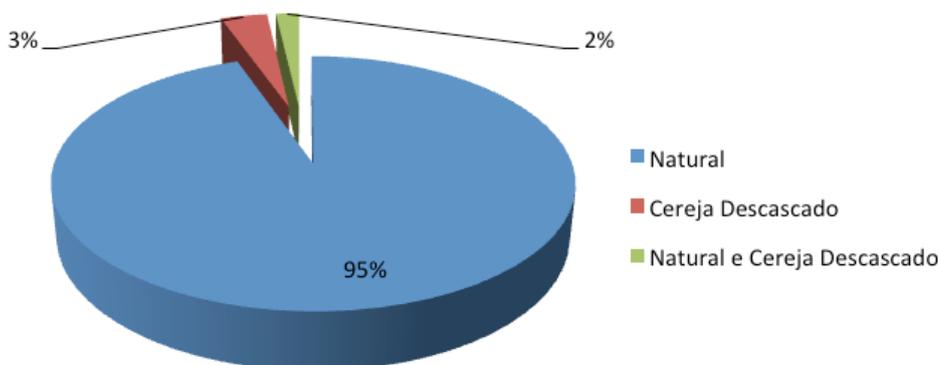


Figura 43. Pós-colheita de *coffea canephora sp.* nas propriedades produtoras do estado do Espírito Santo.

Em relação à secagem do café, 82% fizeram uso de secadores mecânicos, apenas 11% secam os grãos no terreiro e utilizam também secadores, 5% secam apenas no terreiro e 2% utilizam estufas além de terreiro e secador.

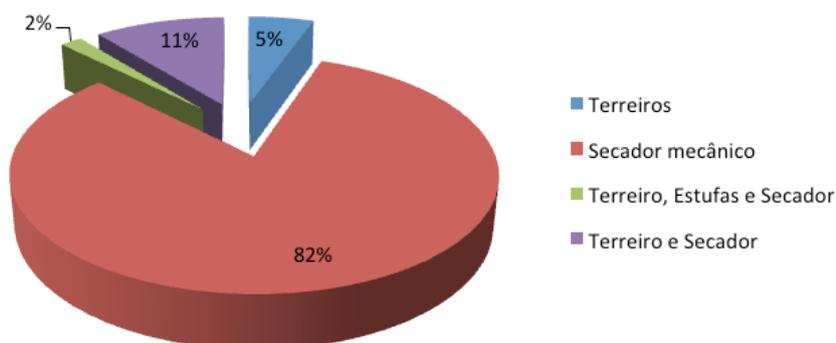


Figura 44. Equipamentos e benfeitorias utilizadas no processo de secagem do *coffea canephora sp.* no estado do Espírito Santo.

A análise dos dados pluviométricos mostra que os volumes acumulados mensais foram abaixo da média em todos os meses da safra, com exceção do mês de janeiro que foi superior, conforme indica a Figura 45. A falta de chuva e água nos córregos, rios e represas, associados à norma que limitou a irrigação em todo o Espírito Santo, comprometeu 70% das lavouras irrigadas no estado. Tal situação, além de provocar redução de adubações, prejudicou os tratos culturais e trouxe danos diretos para a produção do estado.

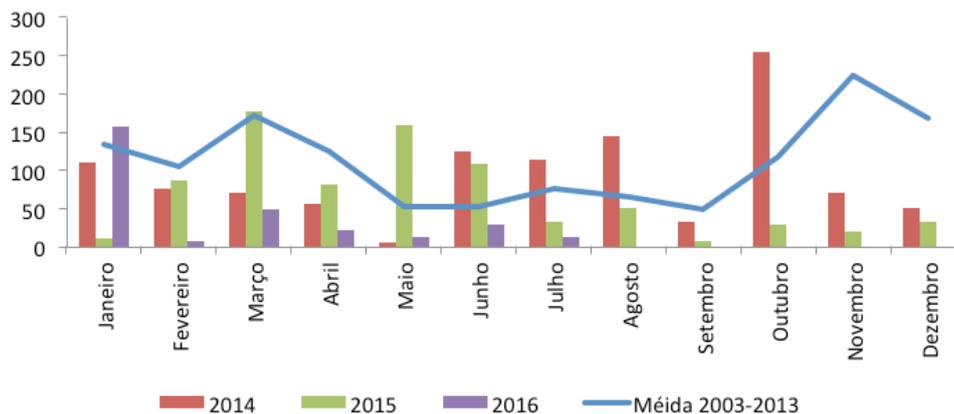


Figura 45. Pluviosidade (mm) mensal acumulada na região de São Mateus no Norte do Espírito Santo. Fonte: INMET

Durante a pesquisa, 98% dos que responderam a pesquisa, verificou-se pluviosidade inferior a média esperada para o período de formação e enchimento dos grãos (Figura 46). Essa baixa pluviosidade, provavelmente, contribuiu nas respostas referentes aos danos na produção. 73% observaram grande volume de grãos mal formados e miúdos, após o beneficiamento. Outros 16% disseram ter verificado, ainda na árvore, grãos com casca mais grossa do que o normal, além de grãos mal formados e miúdos, provocando redução no rendimento da produção de *c. canephora sp.* do estado.

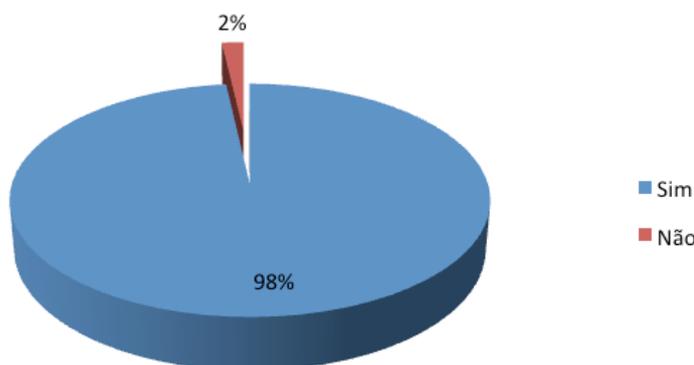


Figura 46. Respostas dos produtores de coffee canephora sp. ao serem questionados se o volume de chuvas foi abaixo do esperado durante o período de formação e enchimento dos grãos.

Foi observada grande variação da produção em relação a safra anterior. 73% dos informantes disseram verificar queda na produção, 57% disseram verificar queda entre 30 e 80% na produção (Figura 47).

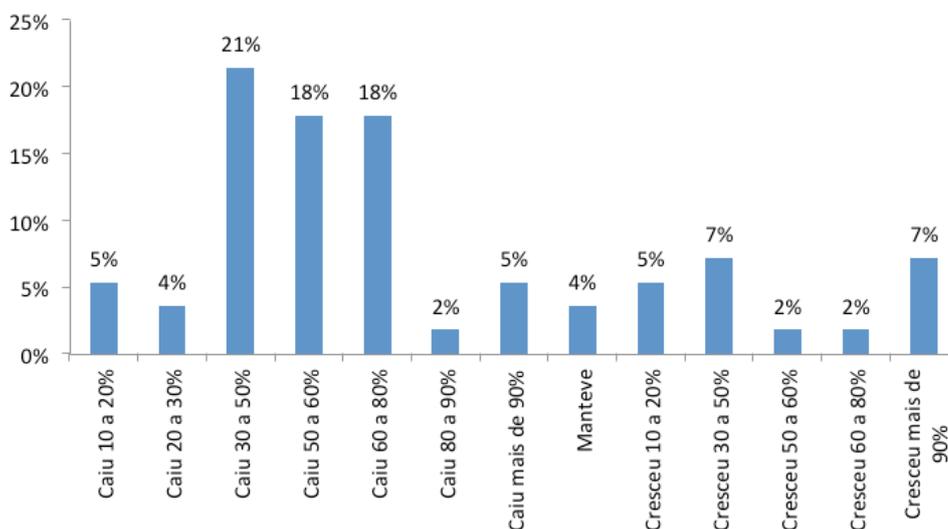


Figura 47. Variação na produção de café conilon no estado do Espírito Santo durante a safra 2016 em relação a safra anterior.

Ao serem questionados sobre a produtividade esperada para a safra, 30% previram produtividade inferior a 20 sacas/hectare, 29% produtividade entre 20 a 40 sacas/hectare, ou seja, 59% dos entrevistados esperam produtividade inferior a 40 sacas/hectare (Figura 48). Quando questionados sobre o nível de satisfação com os índices de produtividade obtidos nesta safra, 89% dos produtores de *c. canephora sp.* mostraram-se insatisfeitos.

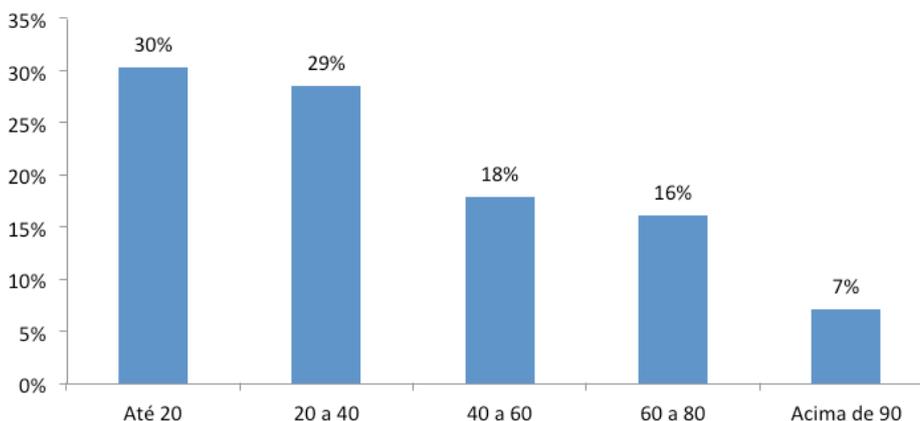


Figura 48. Produtividade (sacas/hectare) esperada pelos produtores de *coffea canephora sp.* no estado do Espírito Santo, na safra 2016.

Numa análise sobre o processo de comercialização da produção do estado, incluindo produtores de *c. arabica sp.* e *c. canephora sp.*, 86% disseram não fazer a venda futura da produção, e, dos 14% que disseram praticar venda futura, 6% informaram realizar por meio de cooperativa, 2,5% comercializaram através de contratos de opções e outros 6,5% fizeram uso de outros métodos de venda futura.

7. São Paulo

O estado de São Paulo, que é o terceiro maior produtor de café do país, ficou em terceiro também no número de respostas da pesquisa, sendo responsável por 11% do total. Com cultivo exclusivo de *c. arabica sp.*, nesse estado a área cultivada variou de 4 a 530 hectares, e o tamanho médio das propriedades na faixa de 76 hectares.

O método de colheita mais praticado no estado é o mecanizado, correspondendo a 51% das respostas, mas 35% dos proprietários disseram fazer uso da colheita por derrça manual, 12% utilizaram a colheita manual e mecanizada, outros 2% fazem a colheita manual seletiva dos frutos.

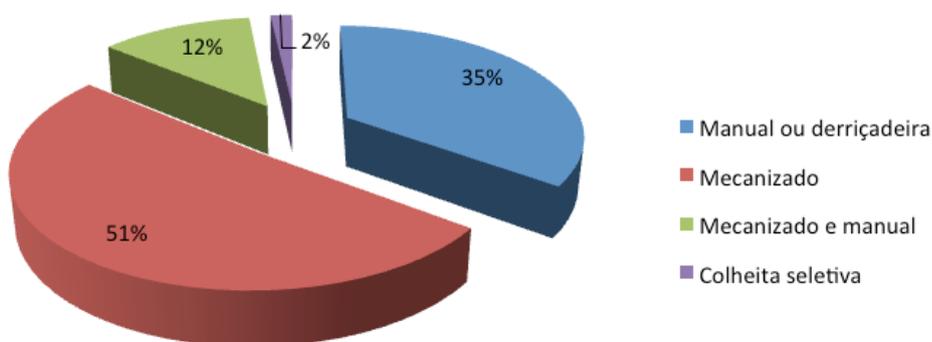


Figura 49. Métodos de colheita praticados nas propriedades de café de São Paulo na safra 2016.

Com respeito ao processo de pós-colheita, verificou-se que o natural foi predominante (81%), mas 12% dos entrevistados disseram produzir café cereja descascado e 7% disseram produzir ambos.

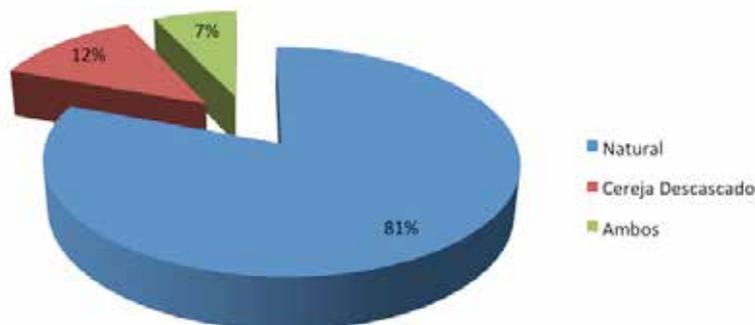


Figura 50. Pós-colheita praticada pelos produtores de café no estado de São Paulo na safra 2016.

Quanto aos equipamentos e benfeitorias utilizados na secagem do café, 56% utilizaram terreiros e secador, 35% apenas terreiros, 7% apenas secador e 2% terreiro, secador e estufas.

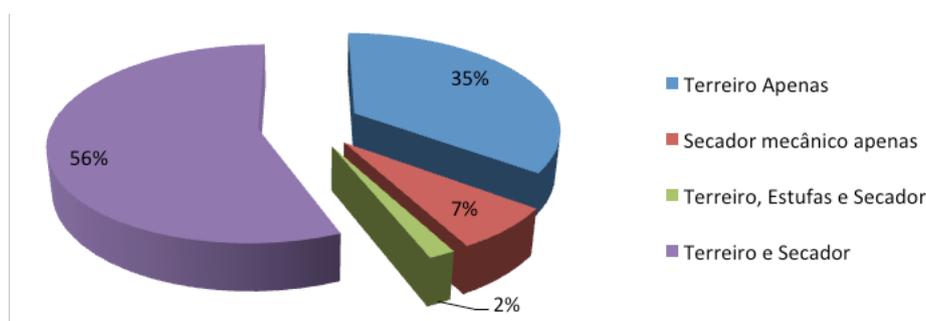


Figura 51 Equipamentos e benfeitorias utilizadas no processo de pós-colheita nas propriedades produtoras de café no estado de São Paulo.

Para a safra de 2016 o estado de São Paulo tem registrado, desde setembro de 2015, boas condições climáticas em praticamente todo o estado, com chuvas constantes e bem distribuídas, que foram decisivas na recuperação dos cafezais após duas safras afetadas fortemente pela seca conforme exposto na (Figura 52).

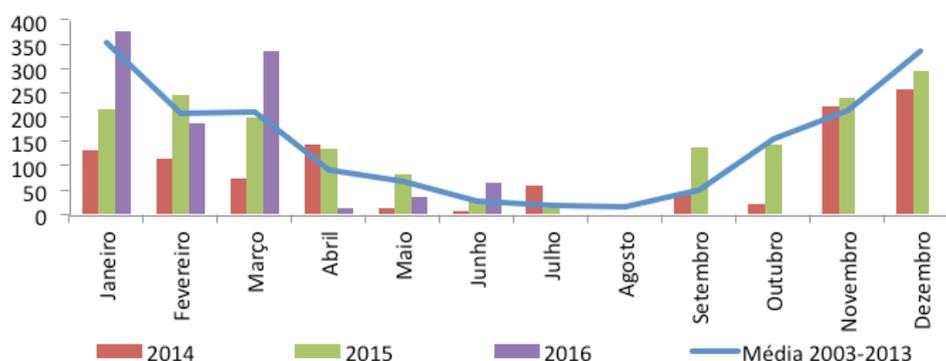


Figura 52. Pluviosidade (mm) mensal acumulada em Franca no estado de São Paulo.

A opinião dos cafeicultores confirmou os dados meteorológicos, pois 79% dos informantes disseram ter verificado um nível adequado de chuva durante o período de enchimento e granação do café.

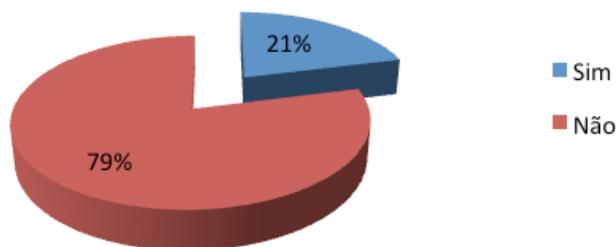


Figura 53. Respostas dos produtores ao serem questionados se verificaram volume de chuva abaixo da média durante o período de formação e enchimento dos grãos na região.

O volume adequado de chuva refletiu-se na produção, pois quando questionados sobre a variação no volume de café produzido durante esta safra, em relação à anterior, 65% verificou aumento na produção (Figura 54).

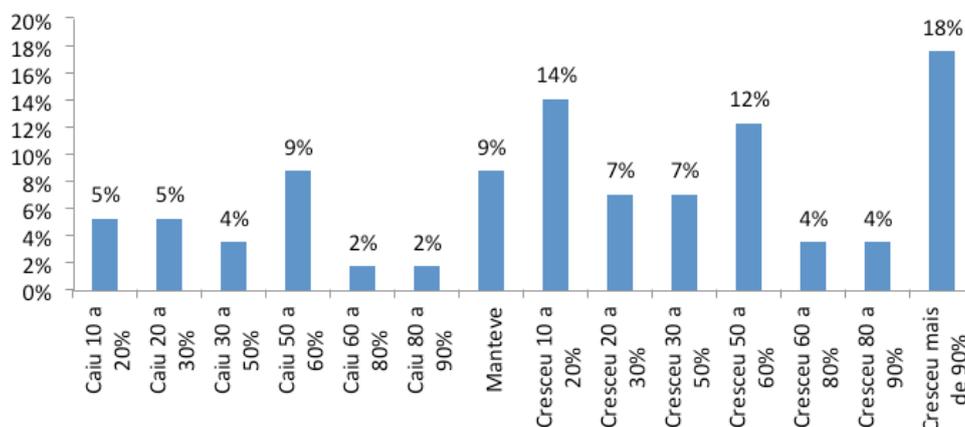


Figura 54. Variação na produção de café no estado de São Paulo na safra 2016 em relação à safra anterior.

Em relação à produtividade, 46% esperam produtividade para esta safra variando entre 20 e 40 sacas/hectare, enquanto outros 28% esperam produtividade entre 40 e 60 sacas/hectare, outros 16% inferior a 20 sacas/hectare e 11% esperam produtividade entre 60 e 80 sacas/hectare (Figura 55).

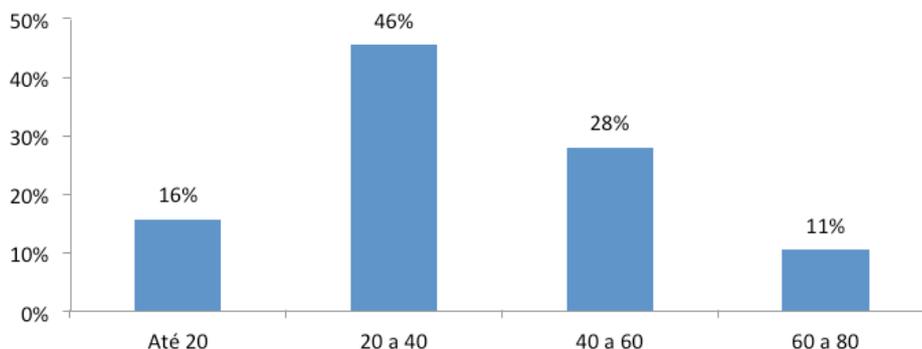


Figura 55. Produtividade (sacas/hectare) esperada pelos produtores de café do estado de São Paulo.

Quando questionados sobre a satisfação com a produtividade obtida nesta safra, 54% disseram-se insatisfeitos e 46% entenderam que a produtividade foi satisfatória.

Apesar dos volumes de chuva adequados durante fases críticas da cultura, ocorreram chuvas fora de época que afetaram a produção, principalmente na região de Franca, provocando queda dos frutos, acelerando o processo fermentativo e reduzindo a qualidade dos cafés produzidos.

Em São Paulo 96% dos informantes disseram que a produção recebeu chuva durante a colheita em diferentes momentos e 75% indicaram ocorrência de chuva ainda na lavoura (Figura 56). As chuvas fora de época resultaram na queda exagerada dos frutos, que foi verificada também nas respostas dos entrevistados quando questionados do volume de café que foi recolhido no chão da lavoura. Do total dos informantes, 36% apontaram ter recolhido de 16 a 30% do total da produção, 28% informaram queda de 31 a 45% dos grãos, 7% entre 46 e 60%, 12% recolheram volume superior a 60% da produção no chão, e 17% destacaram queda de frutos inferior a 15% do volume total (Figura 57).

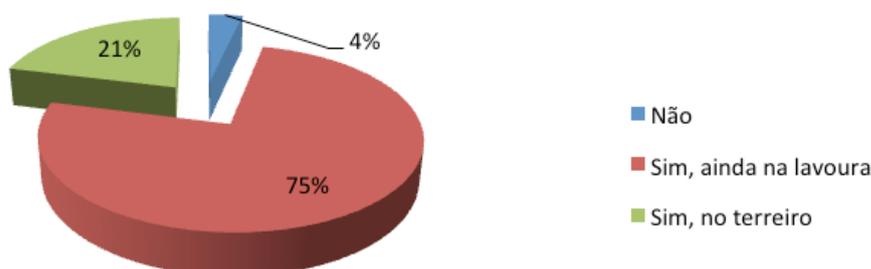


Figura 56 Ocorrência de chuva durante o período de colheita nas lavouras de café do estado de São Paulo, durante a safra 2016.

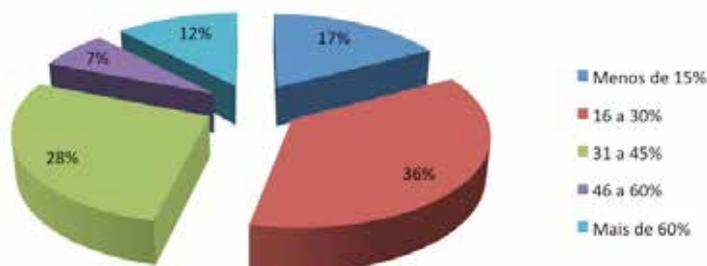


Figura 57. Porcentagem da produção de café que foi recolhida no chão durante a safra 2016.

As chuvas fora de época comprometeram o mercado de cafés de qualidade superior, gerando desafio aos cafeicultores. Em São Paulo, quando questionados quanto à venda futura de café, 54% informaram que não a realizaram e 46% disseram fazer uso de venda futura e outros 16% fizeram a operação por meio de cooperativa, 14% diretamente em bolsa de valores e 16% de outras formas.

Os cafeicultores que realizaram venda futura, provavelmente, terão dificuldades em cumprir os contratos devido ao fato de terem fechado contratos de café tipo bebida dura pra melhor.

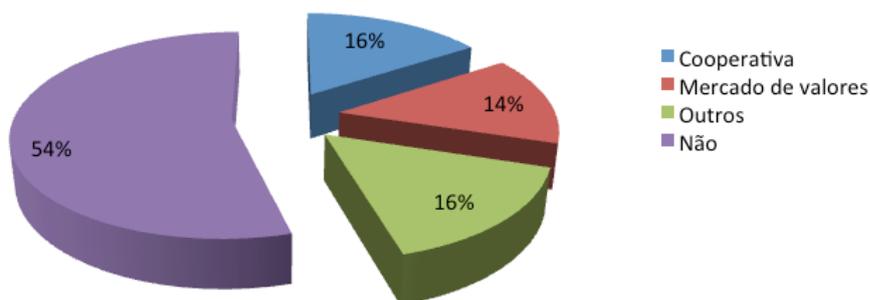


Figura 58. Realização ou não de venda futura da produção de e forma de comercialização quando ela ocorre.

8. Bahia

O estado da Bahia é o quarto maior produtor de café do país, com uma estimativa de produção de aproximadamente 2,6 milhões de sacas com base na terceira estimativa da CONAB de 2016. O estado produz café das espécies *c. arabica sp.* e *c. canephora sp.* e aproximadamente 50% da produção de cada espécie. Durante a pesquisa as respostas foram muito semelhantes e o estado apresentou-se como o quarto colocado no número de respostas (5,1%), com uma proporção de 46% de produtores de arábica e 54% de produtores de *c. canephora sp.* (Figura 59).

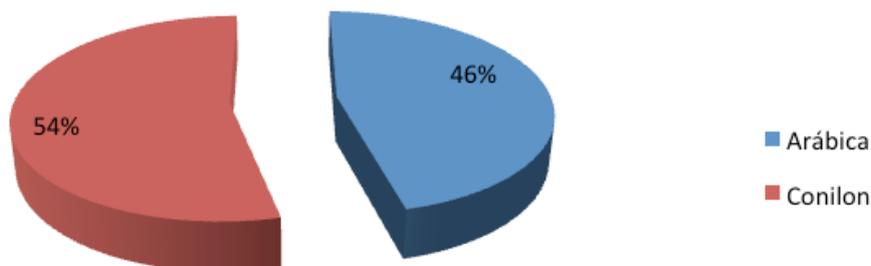


Figura 59 Distribuição das espécies cultivadas nas propriedades dos produtores que contribuíram com a pesquisa.

8.1 Arábica

Os informantes que produzem *c. arabica sp.* disseram possuir áreas produtivas que variaram de 6 a 400 hectares, apresentando tamanho médio de 62 hectares.

Quanto à realização da colheita, 75% fazem por derriça manual ou com derriçadeira, 17% manual seletiva e 8% colheita mecanizada (Figura 60).

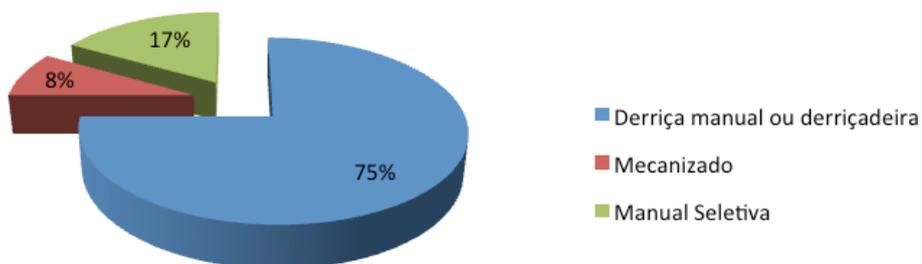


Figura 60 Métodos de colheita utilizados durante a safra 2016 nas propriedades produtoras de café arábica no estado da Bahia.

Em relação à pós-colheita, 33% diz realizar o processo de cereja descascado apenas, 34% aponta realizar secagem natural e 33% faz uso de ambos os processos (Figura 61).

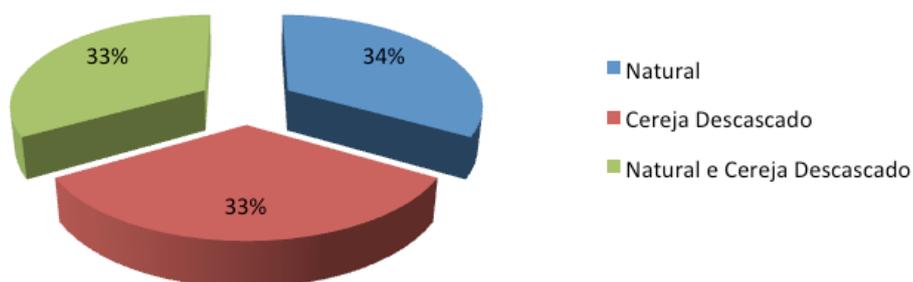


Figura 61. Pós-colheita do café praticada nas propriedades produtoras de *coffea arabica sp.* no estado da Bahia durante a safra 2016.

Quanto aos equipamentos e benfeitorias utilizados na secagem do café, 30% dos entrevistados utilizam apenas estufa, ao passo que 30% fizeram a secagem exclusiva em terreiro, 20% com uso de secador mecânico e terreiro e 20% utilizando estufa e secador (Figura 62).

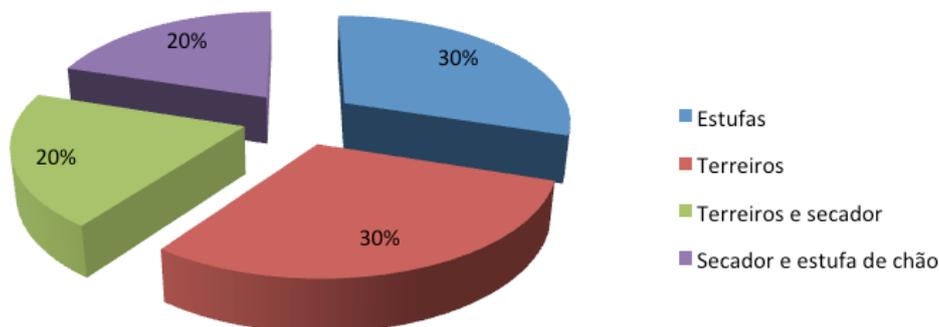


Figura 62. Equipamentos e benfeitorias utilizados no processo de secagem do café nas propriedades produtoras de *coffea arabica sp.* da Bahia.

O estado da Bahia vem sofrendo drasticamente com os problemas de seca. A última safra, no entanto, foi marcada por níveis de pluviosidade ainda menores, como se verifica no Gráfico 6 abaixo, e com base na respostas ao questionário, 100% deles disseram verificar um volume de chuva inferior a média durante o período de enchimento dos grãos.

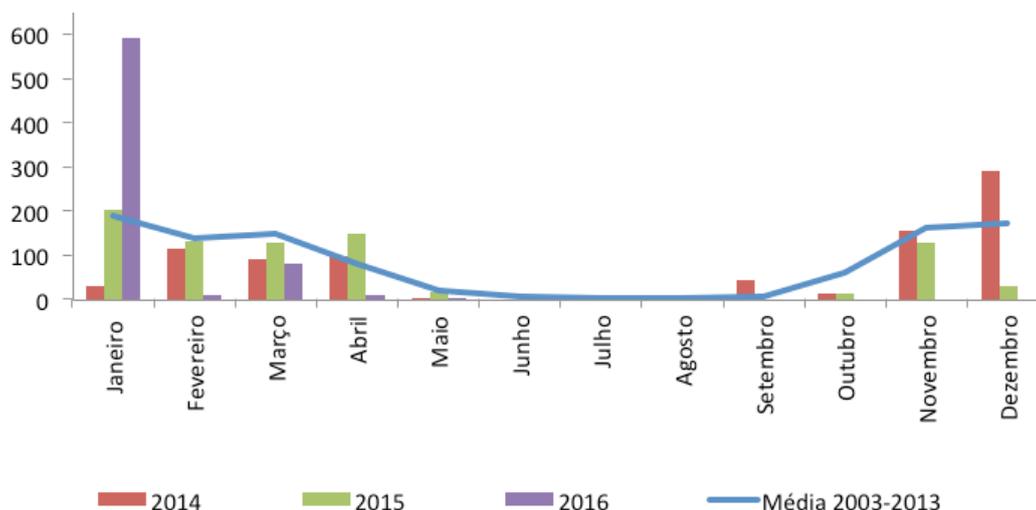


Figura 63. Pluviosidade (mm) mensal acumulada na região de Barreiras no Cerrado Baiano.

O efeito da falta de chuva foi percebido na qualidade da produção. Verificou-se que 83% dos informantes disseram, após beneficiamento, encontrar grãos mal formados e miúdos. Estes e outros fatores provavelmente contribuíram para as respostas dos produtores quanto à redução da produção frente à safra anterior, em que 70% dos contribuintes destacaram queda na produção de, no mínimo, 20%.

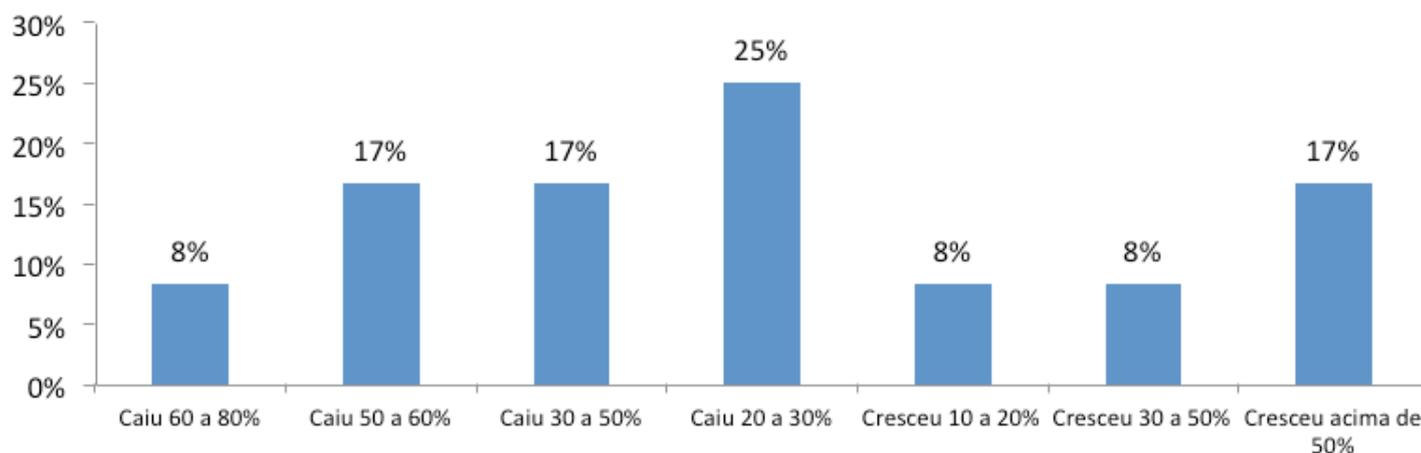


Figura 64. Variação na produção de café arábica no estado da Bahia na safra 2016, em relação à safra anterior.

De acordo com a pesquisa verificou-se que 50% das fazendas de *c. arabica sp.* tiveram produtividade média inferior a 20 sacas/hectare, 24% das propriedades esperam uma produtividade entre 20 e 40 sacas/hectare e 26% esperam uma produtividade superior a 40 sacas/hectare. Os dados de produtividade contribuíram para a insatisfação dos informantes com a produtividade obtida, ao passo que 83% dos entrevistados apresentaram-se insatisfeitos com a produtividade obtida nesta safra.

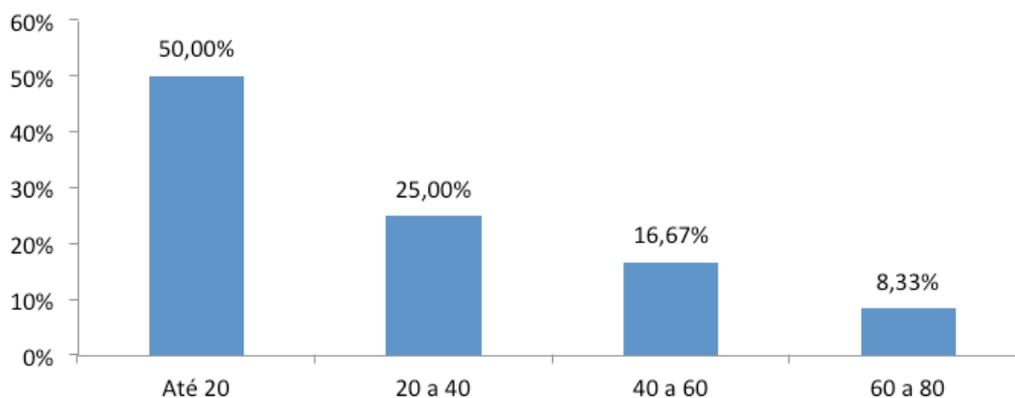


Figura 65. Produtividade (sacas/hectare) esperada pelos produtores *coffea arabica sp.* na Bahia na safra 2016.

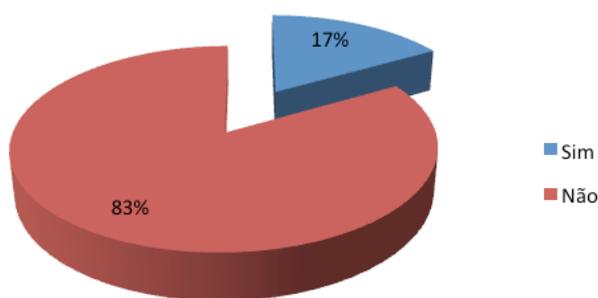


Figura 66. Satisfação dos contribuintes da pesquisa com a produtividade obtida durante a safra 2016, nas regiões produtoras de café arábica da Bahia.

8.2 Conilon

As áreas em produção de *c. canephora sp.* variaram de 8 a 100 hectares e apresentaram com tamanho médio de 42 hectares, segundo as informações fornecidas pelos os colaboradores da pesquisa.

Os métodos de colheita apresentaram-se diversos, porém em 86% das propriedades é feita manualmente, 7% realiza colheita seletiva e 7% realiza a colheita mecanizada.

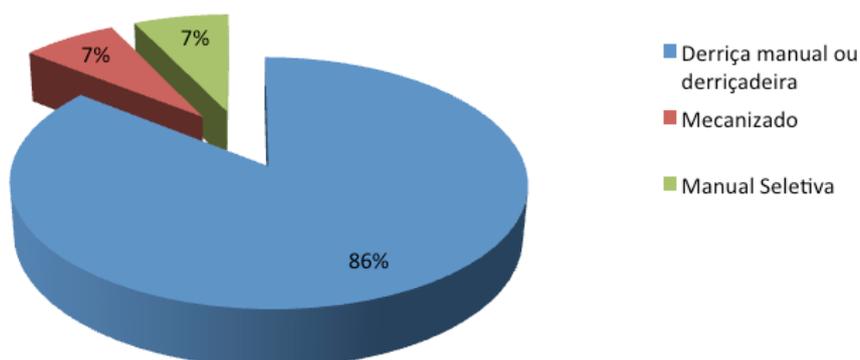


Figura 67. Métodos de colheita utilizados nas propriedades produtoras de *coffea canephora sp.* na Bahia.

No processo de pós-colheita, como era de se esperar para esta espécie, 93% dos produtores disseram fazer secagem natural e também usam secador mecânico.

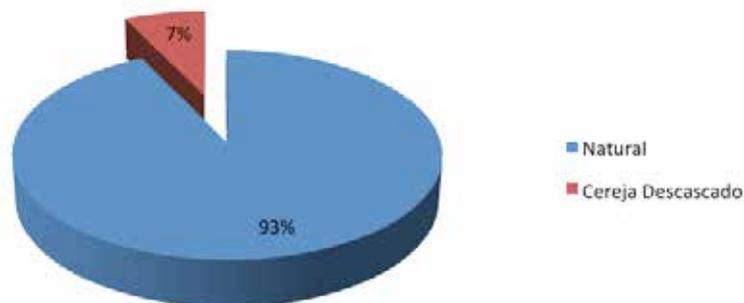


Figura 68. Pós-colheita praticada nas propriedades produtoras de *coffea arabica sp.* na Bahia.

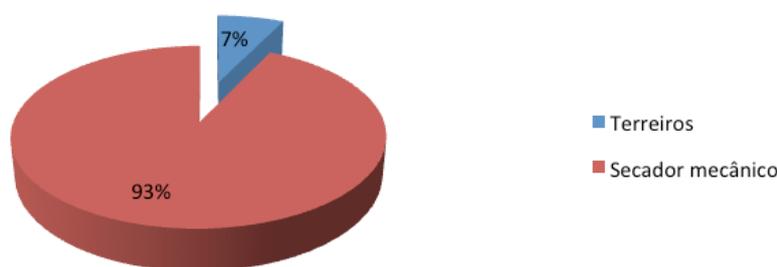


Figura 69. Equipamentos e benfeitorias utilizados no processo de secagem do *coffea canephora sp.* colhido nas propriedades do estado da Bahia.

Quanto aos problemas climáticos, as áreas de produção de *coffea canephora sp.* no sul do estado sofreram problemas similares ao do norte do Espírito Santo, onde os níveis pluviométricos foram muito abaixo da média esperada, conforme mostra a Figura 70. Esta baixa pluviosidade foi observada também pelos cafeicultores durante o período de enchimento e granação dos frutos, e volumes de chuva abaixo do esperado foi verificado por 100% dos informantes.

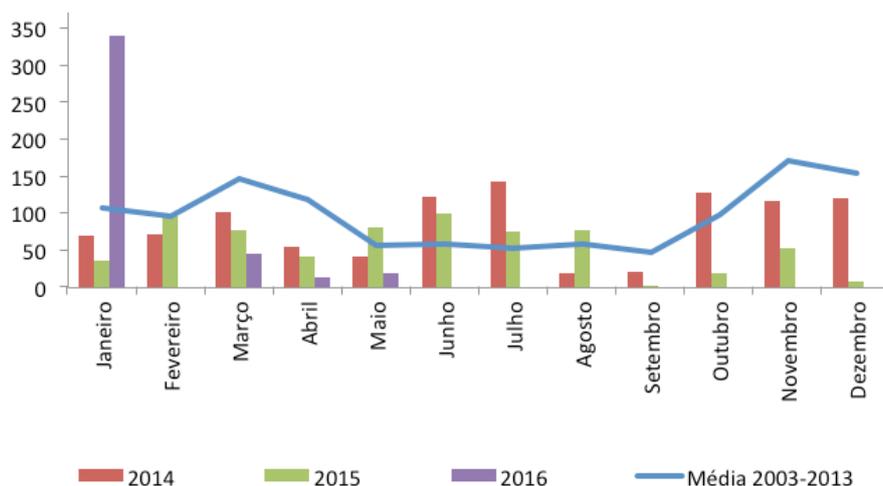


Figura 70. Pluviosidade (mm) mensal acumulada na região de Guaratinga na região Sul da Bahia.

Também foram identificadas perdas decorrentes do déficit hídrico, sendo que 78% assinalaram, após beneficiamento, a presença de grãos mal formados e miúdos. Estes danos associados a outros fatores acarretaram na queda de produção esperada pelos entrevistados. Verificando-se que 70% dos entrevistados espera queda na produção. Do total, 14% indicaram queda de até 30% na produção, 28% queda de 30 a 50% no volume e 29% redução superior a 50% da produção (Figura 71).

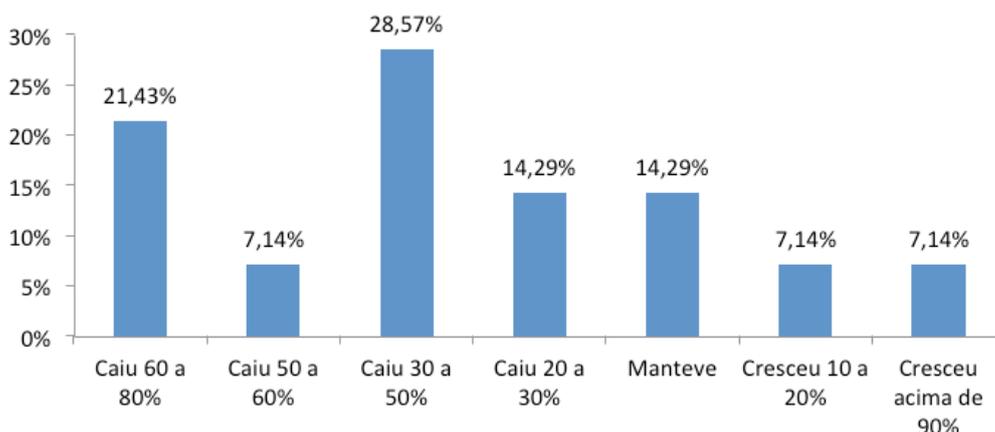


Figura 71. Variação na produção de *coffea canephora sp.* da safra 2016 em relação à safra anterior.

Quando questionados quanto à produtividade obtida durante esta safra, 74% dos entrevistados manifestaram-se insatisfeitos.

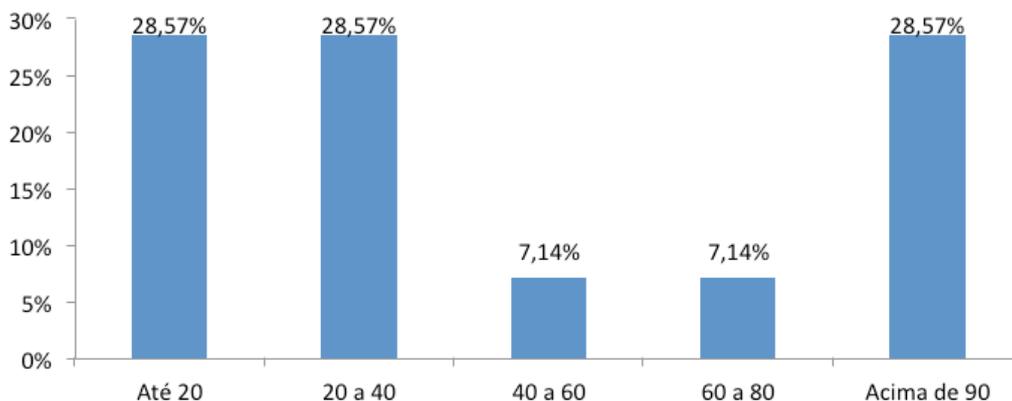


Figura 72. Produtividade (sacas/hectare) esperada pelos produtores de café conilon na Bahia na safra 2016.

9. Considerações Finais

Os resultados da pesquisa confirmaram, com base nas respostas dos cafeicultores, o que os dados meteorológicos e de estimativa de safra apontavam para a safra 2016, além de mostrarem claramente a diversidade e a complexidade da produção de café no país.

Conclui-se que os problemas climáticos afetaram drasticamente o volume da produção de *coffea canephora sp.* nos estados do Espírito Santo e da Bahia, bem como a produção de *coffea arabica sp.* na região das Chapadas de Minas Gerais, ocasionando perdas significativas na produção.

Conclui-se também que o clima foi favorável durante a safra para as principais regiões de *coffea arabica sp.*, o que resultou na alta produção estimada para esta safra, que ficará em torno de 40 milhões de sacas, segundo dados da 3ª estimativa da CONAB.

A pesquisa apresentou ainda números não contemplados pelo levantamento de safra da CONAB, no que se refere a queda de frutos na região Sul de Minas Gerais e do estado de São Paulo houve redução na qualidade dos cafés produzidos nestas regiões, conforme respostas dos entrevistados.

Os estados do Paraná, Rondônia, Rio de Janeiro e Goiás não foram analisados separadamente devido ao baixo número de respostas, o que poderia levar a resultados não coerentes com a realidade destes estados.

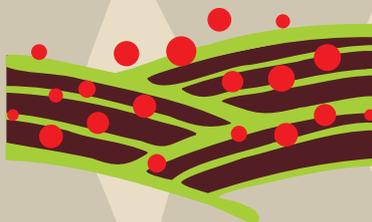
10. Referências Bibliográficas

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB). **Acomp. safra bras. café, v. 3 - Safra 2016, n. 3 - Terceiro levantamento, setembro 2016.** Disponível em : http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/16_09_22_09_06_12_boletim_cafe_-_setembro_2016.pdf. Acesso em 29 de setembro de 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA (INMET). **BDMEP - Banco de Dados Meteorológicos para Ensino e Pesquisa.** Disponível em: <http://www.inmet.gov.br/portal/index.php?r=bdmep/bdmep>. Acesso em 26 de setembro de 2016.



Confederação da Agricultura
e Pecuária do Brasil



CAFÉ POINT

www.cnabrasil.org.br
www.cafepoint.com.br